Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Artes

Luis Otávio Oliveira Campos

Histórias de Reencantamento: aprendercriar com professorxs

Rio de Janeiro

2022

Luis Otávio Oliveira Campos

Histórias de reencantamento: aprendercriar com professorxs

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Arte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Aldo Victório Filho

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

C198 Campos, Luis Otávio Oliveira .
Histórias de reencantamento: aprendercriar com professorxs / Luis Otávio Oliveira Campos. – 2022.
86 f.: il.

Orientador: Aldo Victorio Filho.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes.

1. Professores - Formação - Teses. 2. Professores negros- Teses. 3. Patrimônio cultural - Teses. 4. Negros – Identidade racial - Teses. 5. Memória coletiva – Teses. I. Victorio Filho, Aldo. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. III. Título.

CDU 008(=96):371.13

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Luis Otávio Oliveira Campos

Histórias de reencantamento: aprendercriar com professorxs

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Arte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea

Aprovada em 04 de abril de 2022.

Banca examinadora:

_____

Prof. Dr. Aldo Victorio Filho (Orientador)

Instituto de Artes – UERJ

_____

Prof.ª Dra. Isabel Almeida Carneiro

Instituto de Artes – UERJ

_____

Prof.ª Dra. Maria Luiza Süssekind Verissimo Cinelli

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria de Fátima, pela poesia discreta do dia-a-dia, pelas memórias com sabor de café e por mais dias aprendendo a seu lado, e a meu pai, Otávio, por todo apoio e por me ensinar a ouvir e aprender com os mais velhos.

Às memórias de Noca e Manuel, meus avós maternos, Benedita e Otávio, meus avós paternos e a todos os mais velhos que inspiram minhas histórias.

AGRADECIMENTOS

Laroyê, EXU, EXU emojuba, por bagunçar as rotas e me fazer perder/achar em tantas moradas de afeto e aprendizagem.

A Luiz Ricardo, meu marido e companheiro de caminhada, por acreditar e embarcar nessa aventura comigo.

Aos meus pais, Maria de Fátima e Otávio, por todo apoio e inspiração que me deram.

Aos meus sobrinhos, Bento e Liz, que me fazem sonhar com futuros.

A Aldo, meu orientador, pela orientação afetuosa, pela amizade cuidadosa, e por comprar as idéias e me ajudar a acreditar no valor desse trabalho.

A Geisa e Pâmela, amigas de pesquisa, e interlocutoras nesse trabalho, que tanto me enriquecem com suas genialidades.

A Magno, Marê e Mariana Maia pela generosidade das trocas que possibilitaram essa pesquisa.

A Ismael, Maria e Bruno, minha família longe de casa, por serem incentivo e amor sempre que necessário.

A Joconda, Jocasta, Chico e Zezé, meus companheiros felinos, e canina, pelas pausas cheias de carinho.

E a todos os professores que fizeram parte da minha formação.

Só como fenômeno estético a existência e o mundo aparecem eternamente justificados. (NIETZSCHE *apud* DIAS, 2011, p. 85)

Queria eu desenhar uma melopeia que traduzisse na letra escrita (impossível desejo!) o fulgor da performance oral, os matizes de uma linguagem sinestésica que conjugasse as palavras, os gestos, a música e o encantamento [...] (MARTINS, 2021, p. 24)

RESUMO

CAMPOS, Luis Otávio Oliveira. *Histórias de reencantamento*: aprendercriar com professorxs. 2022. 86 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

Histórias de reencantamento é uma fração da pesquisa que desenvolvo acerca da minha formação docente, meus encontros com professores que marcam essa trajetória, e a herança ancestral de matriz africana orientando nossas reflexões e ações cotidianas. É um trabalho sobre encontros afetivos e saberes que são táticas de resistência e criação de mundos. Durante a pesquisa converso com professoras negras, acompanhando o diálogo que já estabeleço em redes educativas, para criarmos histórias que reencantam meu mundo, e apontam possibilidades e reflexões aos que pensam à docência e a formação como prática cotidiana. Nessas páginas me faço e refaço, num exercício autocriativo autônomo e engajado com a descolonização da vida e das epistemologias, e sobretudo, assumindo a imaginação e a criação poética e literária como campo de trabalho e linhas com as quais me costuro como sujeito.

Palavras chave: Ancestralidade. Herança africana. Formação docente. Imagens. Memórias.

ABSTRACT

CAMPOS, Luis Otávio Oliveira. *Stories of re-enchantment*: learncreate with teachers. 2022. 86 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

Stories of re-enchantment is a fraction of the research I develop about my teacher education, my meetings with teachers who have marked this trajectory, and the ancestral heritage of African origin guiding our reflections and daily actions. It's a work about affective encounters and knowledge that are tactics of resistance and creation of worlds. During the research, I talk to black teachers, following the dialogue that I already establish in educational networks, to create stories that reenchant my world, and point out possibilities and reflections to those who think of teaching and education as a daily practice. In these pages I make and remake myself, in an autonomous self-creative exercise engaged with the decolonization of life and epistemologies, and above all, assuming imagination and poetic and literary creation as a field of work and lines with which I sew myself as a subject.

Keywords: Ancestry. African heritage. Teacher education. Images. Memories.

SUMÁRIO

	NÃO SEI O QUE	9
1	**HISTÓRIAS DE REENCANTAMENTO**	11
2	**O LIXO VAI FILOSOFAR, E NUMA BOA**.....	21
2.1	**E por falar em rebeldia**	24
2.2	**Encantamento**	25
2.3	**Erótico ou Afetos Exúricos**.....	26
2.4	**Oralidade e literatura**.....	27
3	**SENDAS DA PESQUISA**	29
4	**QUANTO AOS MOVIMENTOS**.....	36
5	**IMAGENSMEMÓRIA**	41
6	**NÓS TEMOS HISTÓRIAS, NO PLURAL**	46
6.1	**Retrato mitopoético de meu avô**.....	48
6.2	**Intersecção**.....	53
7	**JARDIM DE HISTÓRIAS DE EXU**.....	55
8	**PROFESSORA-MONSTRO**.....	59
9	**REAPRENDER A ARTISTAGEM**.....	67
10	**PROFESSORA OGUM XOROQUÊ**.....	74
	“SOU COMO A HASTE FINA, QUE QUALQUER BRISA VERGA, MAS NENHUMA ESPADA CORTA.....	80
	REFERÊNCIAS	84

O NÃO SEI O QUE

Meu percurso formativo e o precioso tesouro de afetos e memórias que trago da caminhada, é o início da pesquisa proposta. Vou olhar para meus ancestrais, suas histórias, nossas histórias, buscando elementos que constituem minha complexidade.

De minha família materna herdei a macumba, o amor pelo diálogo e o respeito pela memória. Cresci na beira da cachoeira, cercado pelas montanhas e pedras, aprendendo a tocar com os pés descalços o reino de Oxum e Xangô, a encontrar o sagrado materializado na natureza. São elementos e experiências do encantamento, me ensinando a criar mundos e vidas. Resgatar o não sei o que mágico, abraçar os devaneios, que fizeram parte de minha infância consiste em um movimento fundante nessa empreitada, que torna possível existir o pesquisador, o professor e, consequentemente, essa pesquisa

É preciso, entretanto, nomear as matrizes da ancestralidade provedora do encantamento. Sou filho do Brasil e sua intrincada formação étnica, desterritorializados de África e Pindorama, aqueles que sofreram a servidão do corpo e a negação da humanidade. Nossa cultura, nossas histórias, resistem pela sabedoria de nossos mais velhos. Uma grande herança imaterial que vive em oralidades e rituais, danças e cantigas, aproveitando toda brecha pra se espreitar pra fora dos becos, descer o morro. E descendo se mistura e enriquece o que chamam de cultura brasileira.

Orientado pelo encantamento, pela ancestralidade, que formam os saberes filosóficos e éticos que busco como fonte de sabedoria e agitação, vou ao encontro da profusão de saberes que professoras negras produzem em seus cotidianos na rede pública de educação. E nossas conversas são mar denso onde mergulho, investigando o que há pra aprender em suas formações, suas experiências com a docência. Costurando nossas memórias e desejos, imaginando juntos, inventando escolas. O que eu não sei, o que busco saber nas trocas afetivas com meus coautores, e me põe a pesquisar, é norteado pelo desejo de ser professor. Um professor/sujeito bricolado e em constante estado de criação coletiva.

1 **HISTÓRIAS DE REENCANTAMENTO**

Começando essa prosa

"Oh Zé, quando vier de Alagoas toma cuidado com o balanço da canoa..." [1]

Gostaria de iniciar essa conversa com o tema primeiro de minha curiosidade, aquele que me lançou nos caminhos errantes da pesquisa: a memória. Quando eu era ainda muito criança, passava horas do meu dia rodeando as mulheres da minha família na expectativa de ouvir uma história. Eu me oferecia para ajudar nos afazeres domésticos, não por boa vontade, mas pela certeza de que algo sairia daquelas bocas e me levaria longe nas vidas que me precediam e que eram também tão minhas. Quando minha mãe se reunia com suas irmãs, era certeza de que eu conheceria um novo causo. Elas riam, choravam, cantavam, lembranças de uma vida cheia de dores e delícias.

Avó eu tive três: Benedita, Maria do Carmo (Noca para os íntimos) e Maria Aparecida. Avô, só tive um, que avô de sangue mesmo não era. Era um grande amigo do meu pai com quem estabeleci vínculo afetivo grandioso. Mas tanto mãe, quanto pai, perderam os pais ainda criança. Foram criados em lares comandados por mulheres, algo bem comum nas formações familiares brasileiras. Além das duas avós de sangue, tenho também vovó Cida, a Maria Aparecida, irmã de meu avô paterno e figura importante em nossas vidas.

Todas minhas avós poderiam ter parte nesta prosa, mas sinto que não cabe aqui a história de minha família paterna, visto que ela fala de experiências com um conjunto de artes e artimanhas, saberes que aqui chamarei de ancestralidade *afropindoramico*[2]. Começarei narrando um pouco de suas histórias em relação a minha própria, como uma expressão do que somos cosmologicamente.

---

[1] Ponto de Umbanda cantado para Zé Pelintra sem autoria conhecida

[2] Opto aqui por nomear como afropindorâmico o conjunto de culturas e cosmovisões que convergiram durante o processo de colonização. A opção política pelo termo "pindorâmico" – de Pindorama, terra das Palmeiras, maneira como eram chamados o Brasil e as terras que hoje se referem américa - em lugar de indígena ou ameríndio, se dá em consonância com os estudos decoloniais/contracoloniais. Bispo sugere em seu livro, Colonização, Quilombos: modos e significações, a substituição de um genérico colonizador por um genérico baseado em palavras que tenham sentido e significado na cultura e ancestralidade dos povos originários.

Véia Noca

Sua história poderia começar quando a primeira mulher foi sequestrada em um reino qualquer em África. Sua história começa quando a primeira tupinambá é chamada de índia a beira do mar da Bahía. Mas quiseram os orixás que passassem gerações entre fazendas e cafezais, aldeias e quilombos pra essa nega brotar igual praga em Nova Iguaçu, baixada fluminense. A pele negra de um brilho amadeirado, o cabelo liso como o da mais bela Iara. A definição da cabocla, mameluca, diriam alguns, mulata boa, elogiariam tantos outros.

Venceu a fome, mas não venceu a colônia: foi dada aos 14 anos em casamento a um jovem de família mais clara, dizem até que tem português no sangue. Manuel, Manezinho pros íntimos, merece uma história toda sua em outro momento, apesar das recomendações de família, não era nenhum “pai João” como se dizia na época de negros que serviam bem aos brancos. Tinha medo nenhum de branco, preto, rico ou pobre.

Juntos venceram a fome, tiveram seis filhos: três meninas e três meninos, criaram os seis na roça, plantando nas terras dos outros na cidade de Valença. Rezavam, plantavam, cantavam, contavam histórias, festejavam nos terreiros, faziam a melhor Folia de Reis da região. Eram felizes ali com aquele pouquinho.

Manezinho morreu novo, câncer no estomago. Noca sem chão, seis bocas famintas pra alimentar, precisou, novamente, sobreviver. Não só sobreviveu, como criou os seis e mais dois de outros amores.

A arte que Noca dominava acima de qualquer outra e que a manteve viva por todo esse tempo era a da palavra. Por toda sua vida não teve um que a derrubasse no verbo. Podia vir doutor, poeta, rimador, ela tinha coragem grande e dobrava todas as línguas na poesia desencontrada de seus ditos e versos.

Noca de volta a Nova Iguaçu também dava volta na própria natureza. Morando na favela ao lado de um valão, lhe diziam que ali nada nunca brotaria. Ela mulher da terra encantou aquele chão com sua conversa, plantou suas ervas, suas flores, suas comidas. Perguntada de como fazia aquilo, respondia sempre: eu só converso com as plantas.

Não morava perto de véia Noca, íamos visita-la, mas não era toda semana. Mas me lembro de quando era criança e ela teve que vir morar conosco. Na época

não entendia o motivo, hoje sei: ela estava morrendo. Sou grato pois pude passar um tempo precioso em sua companhia. Ela me contava tantas histórias e causos, histórias mágicas, histórias da roça, do povo do mato, da cidade, suas bravatas pela vida. O maior dos privilégios tê-la como minha mais velha.

Vó Cida e o Malandro

Vó Cida criou minha mãe por uma parte de sua adolescência, era um período difícil para minha avó Noca, viúva, e ela pode ajudar por ser casada com um português com algumas posses. Não sei muito sobre sua história anterior a isso. Nascida da mestiçagem que caracteriza a formação da sociedade brasileira, pautada pela violência racial e as políticas de branqueamento e exclusão. A negritude tece formas de existir em condições tão adversas e resiste como pode, as vezes recalcada entre as máscaras brancas da convivência. Nesse contexto, meu avô era um pouco excluído, o irmão pobre, e não coincidentemente casado com uma preta. Desde que minha mãe casou ela esteve presente como uma terceira avó e depois de alguns anos veio com seu marido morar em nossa cidade.

Vó Cida não era muito de contar histórias, sonsa que é, gosta de guardar seus segredos. Ela era uma mulher muito doce, bondosa. Em algum momento de devaneio infantil, me perguntei se não seria ela a própria Santa que mamãe adorava em seu pequeno altar. Podia não ser a Santa, mas mágica era, ah, isso era. Lembro quando descobri que nos fundos de sua casa tinha um quartinho cheio de Santos, velas, flores, enfeites de tudo que eram cores. Ela tinha uma Igreja em casa? Era tudo que eu conseguia pensar. Ali, nos fundos do seu quintal, eu conheci pessoas especiais. Pessoas que podiam ser outras pessoas, dependendo da música que eles cantavam. Quem fosse a presença do dia contava histórias, ensinava de um tudo, mexia com tudo dentro da gente.

Eu cresci indo ali naquele fundo de quintal, um terreiro de Umbanda, conhecendo gente nova, cantando a música que faz gente descer, sentindo a tristeza quando tinham que subir. Vó Cida não contava história, mas trazia gente que contava. Um deles era um tal Doutor, dia dele as pessoas queriam todas ir conversar. Eu tinha um pouco de medo, me sentia mais a vontade com as moças que vinham. Mas teve um dia que eu fiquei muito doente e minha mãe me levou pra

ver aquele doutor. Ele me sentou em seu colo e conversou comigo como nenhuma outra pessoa que visitava aquele quarto fizera antes. Seu nome era Zé Pelintra, era uma entidade que visitava o terreiro, e ele me contou sua história. Disse que veio do nordeste, lá do Alagoas, tentar a vida no Rio de Janeiro. Entre trancos, barrancos, tiros, gingas de capoeira, virou doutor da rua. Conhecido também como malandro.

Zé era doutor da rua, mas sabia tudo das folhas que curam. Versado na pajelança que aprendeu em sua terra, sabia curar as mazelas do corpo, do coração e da alma. Curiosamente, ele me curou da minha doença, mas isso era o de menos pra criança que eu era. Eu tinha encontrado um amigo mágico. Ele falava comigo de igual, me abraçava e eu sentia um carinho como quando abraçava meus familiares que amo. Ele dizia cada coisa bonita, cada história triste. Falava sério, falava besteira boa de ouvir, falava de amor e das durezas do caminho de quem escolhe viver no desvio.

Um dia vovó fechou o quartinho no fundo do quintal, não tinha mais visita, não tinha mais seu Zé.

Reencantamento

Passa o tempo como galope de égua brava, a adolescência e suas descobertas, a escola, seus prazeres e desprazeres. A razão que se abate sobre nossa imaginação e diz que tudo aquilo que você viveu até ali é uma grande bobagem. Crescer e não saber o próximo passo. De viés pela vida, troquei a roça pela cidade na intenção de me perder em novos caminhos.

A Universidade é um caminho complicado, podemos nos perder em algumas armadilhas. Eu me senti perdido. Senti por todo momento a anulação de qualquer conhecimento do qual eu comungava. Busquei soluções que me tiraram o prazer da pesquisa. A vida adulta é um caminho ainda mais complicado, mercado de trabalho, aluguel, contas pra pagar, 48h semanais, trânsito, transporte público. Que horas a magia acontece? A sensação é de que a vida vai perdendo seu encanto.

Fiz amigos que me ensinaram toda ordem de desordem, desfeito, traquinagem possível. Foi graças a um desses amigos que eu reencontrei o Zé. Sim, eu fui levado depois de anos a um terreiro de umbanda. Era uma festa de ciganos e toda a casa era colorida por flores e ornamentos. A ciganada pegava os corpos

emprestados pra dançar e cantar suas histórias, em determinado momento outras entidades desceram pra saudar os donos da festa. Pomba-gira, tranca rua e malandro foram tomando emprestados corpos que iam rodopiando ao meio da roda festejar. Um dos malandros terminada a dança, olhou em minha direção e tomou seu caminho para o fundo do terreiro, onde eu me encontrava. Achei naquele momento que ele ia cumprimentar o guardião da porteira, ou alguém atrás de mim. Mas ele parou bem a minha frente, olhou fundo nos meus olhos, me deu um abraço apertado e disse: “Que saudades, meu amigo”.

Reencontrar o Zé foi como reencontrar possibilidades que eu achei que havia perdido havia muito tempo. Tomar posse dessa mágica que varri pra debaixo do meu tapete. Mas essa não é uma história sobre umbanda, ao mesmo tempo que as matrizes desse culto são fio nessa rede. Rede que este reencontro ajuda a complexificar. Abrem-se incontáveis novos fios quando perdemos as bordas. As bordas como limites que a razão nos impõe através do desencanto.

Eu entendo esse desencanto assim: ele lima todas nossas dobras, nos quer retos, enformados, nossos tropeços, passos tortos, desmunhecadas, rebolados, toda sorte de mal engendramento do nosso corpo, são anormalizados por comparação a um engendramento ideal, funcional, produtivo. Crescemos aprendendo de forma direta e indireta que nossos gestos, pensamentos, desejos, são o erro, a patologia.

É Fanon (2008, p.94) que inspira essa reflexão quando escreve sobre este sentimento de desarranjo a que somos impostos pela colonialidade:

> [...]Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, “que sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnante, fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo.” Então tentarei simplesmente fazer-me branco[...]

Em seus estudos Fanon analisa a patologização dos corpos e mentes negras pela sociedade colonialista, sobremaneira expondo seus efeitos nas colônias da França, cuja o tipo de colonialismo é destrinchado pelo autor por sua especificidade psicológica. Mais à frente o autor inverte os papeis e inicia uma análise das doenças mentais dos brancos, suas fobias. Isso me traz a mente um outro autor que dialoga sobre colonialidade e saberes:

> Observando essa situação, podemos dizer que a sociedade é construída através de um saber sintético, fragmentado, segmentado e doente. Os colonialistas têm uma doença chamada cosmofobia, que é o medo do cosmos. Eles têm medo do deus deles. Por isso há tanta depressão nas universidades. Um sofrimento grande. Há gente deixando a universidade, em um sofrimento grande. Há gente se suicidando, porque esse lugar é adoecido como a sociedade. (BISPO, 2019)

Essa cosmofobia fundamenta o distanciamento que a sociedade euro cristã mantém da esfera religiosa de sua cultura, distância num sentido físico e subjetivo. Deus é temível e inalcançável, a relação ritualística dos fiéis com o culto é asséptica mantendo o mínimo de contato possível. Isso se reflete na forma como a sociedade vai se relacionar com o mundo: de forma asséptica e mantendo o mínimo de contato possível.

Sendo a cultura de matrizes afropindorâmicos encarnadas, vividas de maneira orgânica, de forma que o corpo esteja presente em sua inteireza, o juízo feito pela sociedade que tem tais bases só podem ser, em sua maioria, negativa e classificada pela ciência como irracional.

O *epistemicidio*[3] em curso tenta apagar os saberes e as culturas não brancas através da destituição de sua legitimidade e contribuição para a formação da sociedade brasileira, conhecimentos que nossos mais velhos lutaram para manter vivos nos interstícios da nossa história. Não é de se estranhar que, vez em quando, nossos corpos sucumbam a norma e ao sintético de que fala Nego Bispo.

Se o corpo sucumbe não é por completo, a gente resiste nas pequenas artimanhas. Porque o cão, ah meus amigos, o cão é muito bem articulado. E sobrevive nesse corpo pseudo normalizado um comichão, uma cocega, que inquieta pequenas partes do nosso corpo e faz vibrar, o mínimo que seja, a potência de desfazer o feito. Dissolver a solda, virar remendo, gambiarra. Rasgar o pé no caco de vidro, morder a língua. Se a gente deixa esse pedacinho de célula vibrar, ele vibra, e vibrando vai tomando o corpo todo até fazer jorrar o gozo. O gozo que dói, dá aquela vontade de morder a mão, culpar alguém, culpar a si. Até que o gozo deixa de doer. E a gente se permite deixar o diabo entrar na roda de novo. As gentes que andavam em reto, começam a ir pra todas as direções, girar pra cima e

[3] Boaventura de Sousa Santos (1995, p.328) defende o conceito de epistemicidio como uma estratégia posta em prática pelas metrópoles europeias, parte dos genocídios perpetrados na expansão da colonial/modernidade. Uma forma de solapar saberes que destoem e se oponham ao paradigma de dominação etnocêntrico europeu e que se reflete na sociedade contemporânea.

pra baixo, querendo esfregar um no outro, querendo entrar um no outro e gozar. Gozar junto. Que sozinho a gente não consegue ser.

Esse estar junto é o que vai desenhando minha formação dentro/fora da academia nos anos que se seguem. Os encontros vão fortalecendo nossos passos no desafio e nos ensinando a dançar melhor velhas danças. E foi querendo ser/estar junto de novas maneiras que eu voltei a escola, através do *PIBID*[4] e dos estágios docentes.

Chegando ali com olhos abertos e lupas aguçadas, pude encontrar experiências que faltavam na minha passagem pela escola como aluno que viria a se tornar professor, vivenciar artistagens e afetos únicos que cada escola existente ali naquela mesma macro instituição cocria. Entender a rebeldia e o caráter criador dos cotidianos e todos seus atores me ajudou definir como eu queria ser como educador, não um método, uma abordagem teórica, mas uma atitude de aprendizagem e constante cocriação com os cotidianos, um envolvimento por inteiro, orgânico e ético.

Quando chegamos ao mestrado, iniciado em março de 2020, os cotidianos estão revirados. Não gostaria de fazer deste um trabalho sobre o que falta e não se alcança em tais circunstâncias. Por um primeiro momento acreditei que seria, não há escola, eclodiram-se as instituições básicas de tudo.

Foi preciso conversas e reflexões com muitos e queridos companheiros pra que eu começasse a entender que minha pesquisa já havia começado fazia muitos anos. E essa pesquisa que era a minha própria formação, traçava diálogo com professores que poderiam participar ativamente dessa produção mesmo à distância. Afinal a virtualidade, a comunicação entre pessoas geograficamente distantes não foram inventadas em decorrência da pandemia nem tampouco das possibilidades tecnológicas. Nos comunicamos, nos relacionamos desde sempre com pessoas e saberes fisicamente impalpáveis, contudo, inegavelmente concretos. Como exemplificam as memórias negociadas e coproduzidas ao longo das gerações.

Como pesquisa, então, não tenho objeto, sobretudo no sentido do afastamento entre investigador e investigado. pois pesquiso a mim e meus pares, nossa cultura, nossa memória e a imaginação de nossa ancestralidade ativamente criando futuros, formando professores, imaginando a escola. E a distância imposta

[4] Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

em nada interfere nessas escolhas, ainda que estivesse em pesquisa que se desse em cotidiano escolar com seus atores em presença, ainda estaríamos num exercício coletivo de imaginar escolas. Afinal toda instituição resulta em maior ou menor grau da força do imaginário pessoal em interação com os coletivos aos quais se pertence ou se atravessa. As realizações sociais que tecem o corpo múltiplo e diverso da História emergem da base comum do imaginário. Memórias, experiências, realizações materiais e imateriais envolveriam a mesma energia que constitui e institui o humano, as práticas e aspirações do imaginário. Afinal, como escreveu Pareto, “na vida dos povos nada é tão prático como o ideal” (1971, p.138)

As pessoas com quem dialoguei são criadoras desse trabalho, elas imaginam suas memórias, seus cotidianos e suas escolas, é o que partilham comigo e através de onde imagino este trabalho, que poderia ser considerado modesto em seus interesses, se desdobre transbordando sonhos e devaneios. Transbordar como ruptura poética de fronteiras metodológicas e rigidezes conceituais e transbordar como ao bordado, a tessitura coletiva de narrativas partilhadas e afetos exaltados nos encontros e demais trocas.

Todos os dias quando saio de casa, olho para o céu procurando a lua. Mesmo quando não a encontro com o olhar, lanço meu pedido à sua presença: “por onde quer que eu ande, que eu nunca esteja só”. Vou pelo mundo com a certeza que ao meu lado andam exus, pombas-gira, malandros e toda sorte de sagrado-profano ancestral que se irmana com meus passos.

Ao iniciar a jornada da pesquisa, foi preciso buscar mais companhias em autores que pudessem desnortear meus sentidos e rotas. Acredito que nos escolhemos uns aos outros, eu e os textos, numa sarrada além corpórea. Explico: muito, ou quase tudo, do que me desorienta o faz pelo afeto. Seja pelo forte gozo encontrado entre páginas úmidas e acolhedoras, seja pelo desconforto de parágrafos que cortam a pele, bem cortada, e deixam ferida aberta infectada. Tanto a febre desconcertante quanto o delicado canto de perdizes a beira-mar são catalizadores de movimentos nesse jogo.

É assim que aprendo: como se meu corpo fosse tomado em transe por um malandro em dia de gira no terreiro, sou tomado por textos em uma relação que só posso chamar de estética. Assim a chamo por ser entrega dos sentidos a uma experiência, por não haver dominação em seus processos. Mergulho meu corpo em

páginas, e ofereço minhas imagens dessa experiência como oferenda. Acredito que a delicadeza da escrita resida na feitura de infinitas redes de troca, por isso leio e escrevo.

POR IGUALDADE RACIAL
CHOQUE? SÓ DE DIGNIDADE!

2 **O LIXO VAI FILOSOFAR, E NUMA BOA**[5]

Para começar uma pesquisa, uma aventura intelectual, e me embrenhar nas tramas da academia, foi preciso acreditar na potência do que estamos criando. Necessário encontrar formas de produzir conhecimentos que façam sentido para mim e para os meus, pois não quero e nem posso nada criar sozinho. Foi em busca dos desvios epistemológicos capazes de enriquecer essa empreitada que encontro nas feministas negras táticas de criação epistemológica de resistência. Me pegam pela mão companheiras de pesquisa, aquelas que abrem mundos diante de meus olhos, referências que vão redirecionar o desenho que cocriamos. Epifanicamente, aquelas autoras traziam novas possibilidades de sentidos para as referências ancestrais – notadamente femininas, que irrigam o chão onde quero ver brotar novos sentidos pra vida que vivemos hoje.

Se falo de minhas ancestrais, falo de como produzem conhecimento de resistência. Um saber desconsiderado pela intelligentsia, e que demarca uma desigualdade fundamental na vida das pessoas negras, em especial mulheres. O direito a educação formal, não como aculturação, não como assujeitamento, mas como instrumentalização para as lutas por emancipação que se travaram, travamos e serão travadas enquanto vivermos em uma sociedade capitalista/moderna/colonial. E uma das principais ferramentas de afastamento são as fantasias do negro ignorante, criadas pelo discurso branco ao longo do tempo e autoatualizado diariamente.

Encontro em Angela Davis um outro olhar sobre a história norte americana, especialmente no que tange as mulheres negras e o conhecimento. Davis se mune de documentos, literatura, e produções acadêmicas, para falar contra a narrativa falaciosa de que pessoas negras são inferiores intelectualmente, um pensamento largamente difundido ao longo da história americana. As narrativas vão demonstrar que os negros, em especial recorte o sexo feminino, tinham curiosidade e buscavam a educação. São diversos os casos em que se organizam, antes e após a abolição,

[5] Parafraseando Lélia Gonzales em seu artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1984, p. 223-244), quando diz “[...] o lixo vai falar, e numa boa [...] numa crítica a atitude intelectual dominante de pôr o negro como objeto de estudo de terceiros, geralmente brancos, e a necessidade de assumimos a narrativa.

em busca de obter e criar saberes. Muitas vezes aliadas a mulheres brancas engajadas na construção de uma nação mais igualitária.

Não é por acaso que se exclui negros, as exceções escolarizadas subverteram a estrutura colonial do conhecimento, enriquecendo as táticas de resistência. Ao invés de individualizar-se diante do que aprendiam, exemplos mostram que esses indivíduos davam à educação um sentido coletivizado, voltado para emancipação dos seus irmãos. Brancos sabiam dos perigos da escolarização, nas palavras de Davis:

> "Dos 4 milhões de pessoas que comemoraram a emancipação, diversas, como o menino escravo Frederick Douglas, já haviam percebido muito antes que "o conhecimento torna uma criança inadequada para a escravidão". E tal qual o senhor Douglas, os ex-proprietários de escravos perceberam que "se você der a mão a um preto, ele vai pegar o braço. O estudo vai estragar até o melhor preto do mundo"." (DAVIS, 2016, p. 108)

Se olharmos para nossa sociedade, encontraremos semelhanças inegáveis com os EUA de que fala Davis. Vejo em minha própria história negros produzindo conhecimento fora da institucionalidade educacional. Uma sociedade que mantém a mulher negra apartada por diversas estruturas, sendo a exclusão da escolarização uma estratégia central. Enquanto se perpetua no imaginário dominante a falácia da inferioridade intelectual negra.

Se convido, especificamente, este estudo de Angela Davis para minha reflexão, é porque falo de minha história lado a lado com minhas avós, negras e analfabetas. Caminho com minha mãe, que não concluiu o ensino fundamental. Porque em Davis encontro-as, como aquelas a quais foram negadas o direito a escola, ou, quando na escola, o direito a uma educação que fizesse sentido para seus anseios.

Muito do que me traz para a docência mora nessa história. Minhas frustrações com a academia e suas grades colonialistas se fundam no tipo de relação que estabeleço com a vida, com a poética e os saberes. É comum sermos incentivados a nos dobrar diante de um arcabouço teórico distante e que, em sua maioria, impõe um pensamento degradante sobre os saberes de nossas vivências e matrizes não brancos. Características importantes da subjetividade que carregamos, podem ser motivo de inferiorização. Incapaz de pensar racionalmente, dirão. Afetos sentidos na carne, conhecimento de corpo inteiro, vão te pôr em descredito nos templos da

abstração, repletos de objetos e distanciamentos. Esses conhecimentos e práticas se fixam como requisitos de legitimação de saberes, expelindo o que destoe de sua homogênea estrutura que ignora a potência do irracional na complexidade dos pensamentos. Mas como diria Bethânia “não me dobro”, e é na tensão que me formo, e vou aprendendo táticas para penetrar esses espaços sem que seja preciso abdicar de produzir desejo e afetação.

E quando conheço a obra de Lélia Gonzales, me encanto com a esperteza de nossa gente em fazer o que não deve, quando o dever nos mantém estanques. A autora fala de como as mulheres negras, na sociedade brasileira, vão se utilizar de seus limitados papeis sociais, a mucama na escravização, as babás no pós abolição – e ainda hoje, as passistas no carnaval de qualquer época, para dar a rasteira na cultura dominante, dando de mamar na teta da cultura afro-brasileira e ameríndia (GONZALES, 1984, p. 223–244). Na maciota, elas dão um jeito de produzir e partilhar cultura e conhecimento na relação com as crianças brancas, se infiltrando na cultura a ponto de dar a uma festa cristã como o carnaval, o toque do atabaque, o profano que é bem negro e transborda em beleza e gozo.

Em Patrícia Hill Collins eu aprendo que os nossos criaram sua estrutura de produção e validação de conhecimento, que ela chama de epistemologia negra. Podemos pesquisar fazendo um uso tático das epistemologias brancas, mas elas não darão conta de toda especificidade de que precisamos para dizer de nós. Me orienta a saber da impossibilidade de nos pormos neutros na prática do discurso, estando ele sempre repleto de nosso ponto de vista, nossas especificidades. Afirmemo-nos, então, pois nos é caro a vida e os contextos que dão forma ao discurso.

Nossa sabedoria ancestral nos ajuda a produzir um campo de valorização da experiência das mulheres negras, intelectuais ou não, que irão informar as epistemologias de nossa pesquisa, orientando o que criamos. Para tanto, é preciso entender também o que nos atrapalha, reconhecer os enfrentamentos.

A colonialidade, como estrutura que nos quer manter subjugados, cria o que Mbembe defende como *razão negra*[6], um conjunto de diferenças elaboradas pelos

[6]Sobre o conceito de razão negra, Mbembe escreve: Essa razão não passa de um sistema pretensamente erudito de narrativas e discursos. É igualmente um reservatório de onde a aritmética da dominação de raça retira suas justificações. A preocupação com a verdade decerto não lhe é alheia. Mas a sua função é, antes de mais nada, codificar as condições de surgimento e manifestação de um sujeito racial então chamado de negro ou, mais tarde e já sob condições coloniais, nativo

europeus no estabelecimento de uma civilização moderna a sua imagem e semelhança. Na imposição desta civilidade, cria-se a racialidade dos sujeitos de cor, especialmente os pretos de África. O negro, como criação, se aplicaria a todas as oposições ao branco, fixando-se aos africanos escravizados ao longo da história de acordo com a necessidade de destituição de humanidade desse grupo, e a criação de características essenciais para fundamentar suas existências como desvio máximo da humanidade inventada pela modernidade.

Mbembe ao expor o problema, aponta possibilidades quando nos ajuda a desmontar o que nos foi fixado. É importante entender que não há nada de ontológico no sujeito negro, que não somos essencialmente nada daquilo. A academia, a escola, ainda hoje, requerem lembretes de que existimos e produzimos subjetividade apesar da *razão negra.* Se queremos pesquisar, e ao fazê-lo, sermos a imensidão que somos, enfrentaremos os limites que a colonialidade ainda impõe. E faremos ao lado de Fanon, aquele que nos viu doentes, encontrou a fonte e os caminhos para buscarmos a cura. A doença é a nossa psique amarrada ao imaginário bestial e maldito que criou o europeu. A cura é desacreditar nos caminhos já traçados pelo dominador. O caminho da docilidade. Mas, como diria José Régio [7] "vem por aqui – dizem-me alguns com os olhos doces", mas munidos do saber de nossos mais velhos, respondemos "não sei por onde vou; não sei para onde vou; só sei que não vou por aí".

2.1 **E por falar em rebeldia...**

Se irmana ao desejo criador das epistemologias negras os estudos dos cotidianos, especialmente o cotidiano escolar, campo de criação de meus coautores e que almejo na investigação. Se investigo com meus pares, seus percursos e suas práticas docentes, é porque creio na riqueza do que fazem. E o faço porque me guio pela defesa de Nilda Alves da produção epistemológica dos professores da escola

("Quem é ele?"; "Como o reconhecemos?"; "O que o diferencia de nós?"; "Poderá ele tornar-se nossos semelhante?"; "Como governar e para que fins?"). Nesse contexto, a razão negra designa um conjunto tanto de discursos como de práticas – um trabalho cotidiano que consistiu em inventar, contar, repetir e promover a variação de fórmulas, textos e rituais com o intuito de fazer surgir o negro enquanto sujeito racial e exterioridade selvagem, passível de desqualificação moral e de instrumentalização prática.

[7] Fragmentos do poema Cântico Negro publicado em seu primeiro livro *Poemas de Deus e do Diabo* em 1926.

pública popular. Indo encontrar a docência no cotidiano de quem inventa a educação diariamente. São esses saberes que nos levam a encontrar táticas de resistências, não apenas no que tange a escola, e fortalecem nossa formação.

Fazemos orientados por um fazer ciência, e fazer escola, que cria currículos para além da normatização. Pesquisamos porque cremos ser possível tensionar estruturalmente as relações de poder. Sabemos que o desviante entra sem pedir licença, entra pelas frestas, pelos cantinhos, e também arromba a porta, sabemos porque viemos do desvio. Mas acreditamos também em querer mais, querer estar sem necessitar tensionar por pautas que se arrastam por anos, mas girar novas rodas, por novos desejos. Como nos orienta Inês Barbosa de Oliveira:

> "É preciso compreender que o reconhecimento da complexidade da sociedade e da luta social não altera a ideia de que precisamos lutar por mais emancipação social, em todas as dimensões da vida social, consideradas agora como enredadas umas às outras, sem que nos seja possível nem necessário eleger uma prioridade absoluta. A utopia da democracia como sistema social pressupõe o alargamento da equidade em todos os domínios da vida, o que torna necessária a repolitização global das práticas sociais para o seu desenvolvimento, entendendo-se que "politizar significa identificar relações de poder e imaginar formas práticas de as transformar em relações de autoridade partilhada" (SANTOS, 1995, p.271). É nesse sentido que a luta em todos os espaços estruturais em que estamos inseridos impõe-se como condição de construção da democracia." (OLIVEIRA, 2003, p. 27)

2.2 **Encantamento**

Eduardo Oliveira defende o encantamento como um olhar capaz de construir e recriar mundos. É o que dá sentido ao mundo das coisas materiais. Considerando que a racionalidade baseia a experiência de socialização da sociedade ocidental, podemos dizer que vivemos uma experiência fragmentária entre corpo e mente, ser humano e natureza. Conforme vimos anteriormente, a racionalidade da episteme branca tenta exercer uma anulação de nossas tradições, nossos rituais e práticas de produção poética. Adoece nossos corpos, e cria um estado de desencantamento existencial. Esse desencantamento assemelha-se ao que Bispo defende como um domínio do sintético na vida das sociedades causado pela colonialidade, e com a

crise existencial de que fala Daniel Munduruku quando explica as diferenças notáveis na relação entre a vida na comunidade indígena e os conflitos que enfrenta na sociedade ocidental.

É movimento necessário a criação dessa pesquisa encontrar o que reencante nossos mundos, buscar os sentidos que acreditávamos estarem perdidos. Encontro nas tensões do próprio corpo, que transborda desacordo, e encontro na ancestralidade, os rituais, as poéticas e os saberes de nossos mais velhos:

> "A relação privilegiada com o passado tem sua razão de ser: ela permite uma relação especial com os ancestrais. A preservação da memória dos antepassados não é causa de estagnação para os africanos; ao contrário, são essas causas para o dinamismo característico de sua cultura, uma vez que a atualização deve estar sempre assentada na sabedoria dos ancestrais." (OLIVEIRA, 2021, p.24)

Pela ancestralidade, buscando atualizar as maneiras de viver e criar, forma-se a filosofia africana: um sistema de pensamento orientado pela relação dinâmica com a natureza, com a tradição ancestral, que não é estanque, mas reinventada em constância. Criadora de novas formas de organizar-se política e socialmente. Se enfrentamos, enquanto sociedade atravessada pela colonialidade, o caráter uno e cosmofóbico da influência cristã, vamos encontrar na filosofia africana uma articulação entre razão e encantamento "logos com mito; magia com ciência", múltipla e aberta as cosmovisões de diversos mundos e culturas.

2.3 **Erótico ou Afetos Exúricos**

Michael Maffesoli foi o primeiro autor a me chamar a atenção para a importância do erótico nas relações sociais. Não atoa aquelas leituras me encantavam, elas falavam de uma socialização que era conhecida, o afeto, o místico, o poético, "uma série de parâmetros que o "Contrato Social" moderno tinham desprezado ou mantido em quantidade negligenciável." (MAFFESOLI).

Em grande quantidade, encontraremos nos escritos de intelectuais negras o erótico como um reencontro com um mundo de desejos antes reprimidos, o prazer de viver e sentir se permitindo o gozo. Audré Lorde aponta que o erótico teve seu

sentido limitado ao sexo e o prazer genital, desconsiderando a gama de possibilidades contida nessa palavra. E é pela ancestralidade que a autora nos ajuda a sentir, apesar dos interditos, e sentir por completo. Ela defende que:

> "O erótico é uma dimensão entre as origens da nossa auto consciência e o caos dos nossos sentimentos mais intensos. É um sentimento íntimo de satisfação, e, uma vez que experimentamos, sabemos que é possível almejá-lo. Uma vez que experimentamos a plenitude dessa profundidade de sentimento e conhecemos o seu poder, em nome de nossa honra e de nosso respeito próprio, esse é o mínimo que podemos exigir de nós mesmas."

Bell hooks, por sua vez, fala de uma educação transgressora, e nada mais transgressor que uma docência que possa ser prazerosa. A autora nos orienta pelo erótico, a repensar os caminhos de uma profissão tão associada a tristeza e depressão no imaginário social. Mas também para uma educação que valorize o que sentimos e o que podemos sentindo.

Falo desses autores, porque creio que o erótico seja um dos pontos de circulação do que faço e penso. Entretanto, gostaria de invocar Luiz Rufino, quando ele defende uma epistemologia de Exu, divindade da comunicação, da ética dos sentidos, para propor um enegrecimento do erótico. Se Eros orienta a palavra e o conceito de que falamos, creio não existir divindade mais adequada para falar de sentimentos do Exu.

Ninguém é mais próximo de nós que ele, traça a comunicação entre divindades no Orum e a terra. Em Exu encontraremos a complexidade necessária, pois ele fala de corpo, enquanto carne e enquanto alma, sem dicotomia, de forma encantada. Exu lida com todos os sentidos: ele é a boca que come e fala, é o canto mágico, é o ouvido astuto, é o toque, é intensa dor e intenso gozo. O que nos parece uma possiblidade ampla de pensar os afetos, portanto, falaremos de erótico, também, como afetos exúricos.

2.4 **Oralidade e literatura**

Quero dizer de como escrevo – e talvez, porque escrevo. A oralidade é o recurso de fazer poesia dos negros, com ela até os analfabetos poetam e isso é

marcante em nossa história. Também é por onde preservamos, recriamos e transmitimos nossa história, mitos e tradições. Quando comecei a escrever, não sabia como pôr no papel o que eu pensava, sempre preferi a fala. Fui encontrar as referências de uma escrita que articule oralidade e literatura com Conceição Evaristo, que abriu um caminho sem volta pelos becos das memórias de uma sem fim de escritoras negras, e cada uma foi trazendo sua marca para o meu fazer literário, Toni Morrison, Alice Walker, Jamaica Kincaid e Paulina Chiziane se juntaram a poesia arisca de Vóvó Noca, aos versos de mamãe e tia Gina, pretas boas de palavra, que me ensinaram o valor e a magia do que dizemos. Estas ultimas, mulheres que não tiveram acesso a escrita, entre tantas outras gênias nunca publicadas, como diz Alice Walker. Não por que não seriam capazes, mas pelo perigo que representa nossa apropriação dos conhecimentos dominantes.

O que escrevo quer, como tantos negros fizeram com a língua, tensionar os limites que a linguagem impõe. A oralidade aqui, é ação performática no intento de dar movimento ao texto, como defende Leda Maria Martins quando fala de oralitura. Dar movimento ao texto faz parte dos anseios que trago, e se refletem na pesquisa, de que o que produzimos tenha o sentido – e também afetos e sentimentos – que transborde um pouquinho de vivência, e vida é dinâmica. Acabo voltando, como a circulação me permite, ao desejo pesquisar para e com os meus, ser coletividade, ser com meus mais velhos, ser para mais novos, e produzir novas possibilidades de viver no presente.

3 **SENDAS DA PESQUISA**

Para falar de percursos, caminhos traçados e cruzados que me levam as perdições dessa pesquisa, não poderia deixar de contar dos passos que me lançam em busca das escolas e seus cotidianos. Começo por dizer que não teria resistido a academia não fossem os amigos, todos tortos como eu, e alguns professores, entortados e entortadores, que me proporcionaram aprendizados e vivências para além de suas salas de aulas e ateliês.

Nos desencontros e encontros da vida, fui parar na *educação museal*[8], onde permaneci enquanto cursava a licenciatura em Artes Visuais. Para aqueles não habituados com a vida dos estudantes de artes, e de muitas outras áreas das ciências humanas, a educação em museus é uma forma de obter sustento e ter uma profissão na sua área. Muitos se deslumbram com a ilusão de pertencimento a alguma instituição sagrada da Arte, um templo de legitimação e perpetuação de todos aqueles saberes que a História da Arte majoritariamente afirmada na academia nos apresenta.

[8] Educação museal compreende as práticas educativas desenvolvidas por monitores e educadores em programas de educação e participação de Museus e Centros Culturais. Desvallées e Mairesse (2013, p. 38) definem a educação museal como “um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante; como um trabalho de aculturação, ela apoia-se notadamente sobre a pedagogia, o desenvolvimento, o florescimento e a aprendizagem de novos saberes”.

Internamente às instituições museais e nos grandes centros culturais as práticas e discursos soam muito livres e vendem a ideia de educação não condicionada às amarras da institucionalidade escolar apoiados no senso comum da precariedade da escola, sobretudo em se tratando da oferta e abordagem da “cultura culta”. O que caracterizaria ambientes experimentais, pequenos núcleos de resistência dentro do sistema. Admito que sob certos aspectos, as condições oferecidas nas instituições que trabalhei tornavam o trabalho realizável sem grandes obstáculos e destoantes com a forma ainda muito colonial e elitista de formação das coleções e exposições. É preciso acreditar em algo pra ganhar o pão sem enlouquecer. Assim passei cinco anos na educação informal, Museu de arte do Rio, Casa Roberto Marinho e oficinas livres, mas sentindo cada vez mais a necessidade de ir além.

Entre esses espaços em que trabalhei, uma diferença marcante se encontra em suas constituições: um museu público e uma casa cultural privada. Suas coleções guardam a mesma diferença, uma pertencente ao município e consequentemente ao povo, uma de posse de um só homem e seus herdeiros. Seus acervos, um formado por aquisição pessoal assessorada por marchands, outro formado por doações e editais públicos, direcionada por um curador e diretor cultural. A gestão de ambas é privada, um por uma OS contratada pelo poder público e outra por um instituto criado pelos proprietários do acervo para esta função.

Essas pontuações são relevantes porque creio que entre diferenças e semelhanças, residem algumas questões que me inquietaram durante os anos da graduação quando tive as experiências de trabalho citadas. A primeira questão refere-se ao aspecto mercadológico da arte ostensivamente posto quando um só indivíduo é proprietário de coleções de obras significativas para a cultura de um povo, o que secundariza o patrimônio cultural humano como valor e pertencimento coletivo. A segunda questão refere-se à gestão privada de um acervo público. A eleição e formação da coleção do Museu de Arte do Rio, uma coleção pública, em mãos de um homem e seu viés, suas ideologias. Posto que toda coleção de arte reflete valores, sejam financeiros e ou ideológicos, na medida em que os padrões de gosto dos grupos dominantes são determinantes para o triunfo mercadológico das

obras de seu agrado. Uma lógica simples que aponta para problemas bem mais complexos.

As duas “questões” apontadas são exemplos de como a sagrada instituição museu se mantém indiferente aos interesses maiores da população em termos culturais e simbólicos. Considerando esses contextos, a questão que nos ocorre seria sobre a possibilidade de se desenvolver práticas de educação não colonizadas face à arte tomada como valor universalizado. Sem pretender responder a tal questionamento, mas deixá-lo em aberto, acrescento, talvez como uma pista, que o setor educativo do MAR foi desmontado no primeiro sinal de crise financeira o que parece não ter afetado as suas caras e gigantescas exposições e o crescimento de seu acervo.

Evidentemente, tive excelentes companheiras em todas essas experiências. Fazíamos mais do que achávamos possível diante de tantas limitações epistemológicas e institucionais. Mas, penso que o maior desafio seria a aura palaciana dos espaços expositivos que parece impedir que os frequentadores das classes populares experimentem algum pertencimento efetivo. Entendido que os aludidos locais sendo públicos, ou abertos ao público, este termo precisaria ser entendido em seu sentido de coletivo, pertencente e acessível à toda população. Em compensação, com cada escola recebida nesses espaços eu tinha mais e mais certeza da docência no panorama profissional futuro. Então, há também gratidão e alegria quando penso e me refiro aquele tempo.

O próximo passo me levou direto para os cotidianos de três escolas e à companhia de suas professoras, onde eu tive o prazer da experiência iniciática na docência. Foram dois anos como bolsista de iniciação à docência no Programa institucional de bolsas de iniciação à docência – PIBID, no subgrupo de artes da UERJ. Nessas escolas eu conheci alunos que desafiavam as limitações a eles impostas e reverberavam beleza e vida em territórios do impossível. Aprendi com eles e com professoras que me mostraram as diversas maneiras de ser docente, cada uma com seus meios e inventividade pedagógica. Vislumbrei a existência da escola antirracista e contracolonial nas pequenas práticas de grande potência que conseguíamos realizar juntos. Essas professoras, alunos, merendeiras, inspetoras, são fonte da inspiração que me põem em curso. Cada um tem um pedacinho na colagem que tem me formado docente.

Compreendendo que as subjetividades se tecem em redes, com fios de experiências coletivas urdidos por laços de afeto e admiração, somos o que somos

em decorrência de experiências diversas, positivas ou não. Contudo, no campo profissional que aqui tratamos, os espelhamentos, as identificações, as cumplicidades e parcerias que energizam a vida nas escolas anelam nossas aspirações com os exemplos e vivências nas escolas. Como se cada professora em formação - e todas sempre estão se formando - fosse o somatório de tantas outras, outras professoras que sob nossa percepção e afeto se destacam pelos seus êxitos nos desafios cotidianos, dos mais discretos aos mais evidentes e assim se incorporam em nossa rede de afeto.

Almejando a escola, o ser professor, eu parto para esta pesquisa de mestrado, sabendo que ela já iniciou há muitos anos, mas querendo saber o que eu ainda não sei sobre ser professor, sobre essas escolas que ainda vão permear meu cotidiano. A forma que encontro para realizar isso é convidando professoras para dialogar sobre seus percursos de formação. Ao longo dessas conversas vamos criando em conjunto escolas que, devido ao contexto atual, só existem em nossas memórias. As imagens que me são presenteadas dão as cores que eu não tinha, cores com as quais vou imaginar e narrar estes escritos.

4 QUANTO AOS MOVIMENTOS DA PESQUISA

A assertiva de que é preciso compreender o que vemos sob o risco de apagarmos, ou não vermos, o que não compreendemos é ampliada como problematização ao acrescentar que o que não é visto, por ter sido apagado, ocultado ou eliminado não oferece sequer a possibilidade do esforço da melhor compreensão. A pesquisa, de uma forma ou de outra, ao debruçar-se sobre as memórias que nos constituem, busca recuperar o não visto, o desprestigiado o que subjugado pelo descredito é varrido para os cantinhos do desprezível. Como frequentemente ocorre com os feitos corriqueiros, diários das professoras, feitos que aceitos ou não pelos sistemas oficiais de avaliação educacional, ativam diariamente o corpo, a nervura, a pele e a energia das escolas, na medida em que voltados aos corpos infantis e juvenis reinventam, em muitas ocasiões, o apagado, o negado e o vital.

Certamente que muito do que não é visto, não o é simplesmente porque não é compreendido, não é considerado no horizonte da percepção de nossos corpos. Afinal, localizamos o que nos afeta e ultrapassa nossas redomas de preconceitos, desatenção, anemia de memórias, só vemos o que nos diz respeito, o que cheira como os nossos desejos, o que vibra com as nossas intenções e aspirações. Falar sobre e com o outro, uníssono com o outro é ativar/criar memórias, cujo sentido no Brasil está inelutavelmente anelado à herança africana. Herança que nos deu corpos e cores, sensibilidades específicas e entre tantos outros valores o saber de que o que temos trazemos no que somos e não possuímos: o corpo. Afinal, os africanos de muitas culturas sequestrados para cá não trouxeram bagagens materiais e, entretanto, o que aportaram permite escrever muito mais que os importantes romances acadêmicos e toda sorte de registro de saberes, o que trouxeram foi modos de saber e criar o mundo e ser o que somos, sobretudo frente às frequentes condições de degredados.

ACRILEX

Para fazer emergir a grandeza e magnitude das aludidas heranças é fundamental ampliar e reordenar nossas possibilidades de percepção. Dentre os meios de fazê-lo é preciso não sucumbir às armadilhas e obstáculos da modernidade/colonialidade (COSTA, TORRES e GROSFOGUEL.2020, p.42).

Ao investir em uma abordagem investigativa que enfrentasse e superasse os aludidos obstáculos e permitisse que as pesquisas desfrutassem do que oferecem os cotidianos, Alves (2008a) propôs alguns movimentos que ao mesmo tempo superando os limites teórico metodológicos tradicionais, levassem ao que é criado e praticado nas supostas rotinas dos cotidianos, rotinas de novidades e nunca de meras repetições mecânicas, entendido que são as pessoas que em suas práticas realizam os cotidianos e pessoas, sejam alunas ou professoras, como rio de Heráclito, nunca são as mesmas pois acrescentam, cotidianamente, percepções, experiências estéticas, sons, cheiros, e tudo mais que a vida oferece às memórias que herdam de muitas outras gerações.

O primeiro movimento, “o sentimento do mundo”, explicita a importância do mergulho nos cotidianos. Ao mergulharmos não seria a visão o sentido mais privilegiado na compreensão ou apreensão do rio cotidiano de permanentes águas renovadas, mas, o corpo todo com seus ínfimos reflexos, sentimentos, anseios, desejos e curiosidades, olfato, audição, tato e demais sentidos de captação e contato com a vida. Pesquisar é sentir os cotidianos, para tanto, o desafio seria “executar um mergulho com todos os sentidos no que desejamos estudar”.

O segundo movimento, “virar de ponta-cabeça”, desafia a subversão do aprendido, sejam as teorias ou os métodos já sabidos e que nos foram impostos como únicos meios de leitura, compreensão e classificação do mundo. A finalidade desse movimento é compreender que as teorias sedimentadas no repertório científico não passam de hipóteses e muitas das quais formas de marcar visões hegemônicas (acrescentamos coloniais e patriarcais). Assim, suas subversões não implicam em estabelecer novas verdades, mais ampliar as possibilidades de poéticas investigativas que evidenciem o cotidiano como dimensão existencial coletiva que é reinventado em cada ação que o constitui e ou busque conhecer.

O terceiro movimento proposto é “beber de todas as fontes” o que amplia significativamente o que nos tem sido imposto como definição consolidada de “fonte de conhecimento”. Na medida em que irmanado ao mergulho desarmado nos

cotidianos, tudo aquilo que é percebido, sentido, ouvido e narrado é fonte indispensável de saberes. Percebemos de antemão, que a vida vivida em seus infinitos momentos diários é rendada, tecida e enredada ao sabor e desafios das diferenças, da diversidade, multiplicidade e heterogeneidade dos sujeitos e de seus coletivos em suas muitas e diferentes condições e contextos. Portanto, é evidente que dialogar com tal complexidade exigirá fontes diversas às hegemonicamente estabelecidas, implicando inclusive na criação de meios e modos de proceder a uma investigação em pleno processo de acontecimento.

"Narrar a vida e literaturizar a ciência" propõe, como quarto movimento, criar outros modos de registrar e de escrever tudo que venha a ser percebido, sabido ou encontrado na pesquisa. Tal aventura intelectual e poética a um só tempo, pretende que o que for escrito a respeito dos sujeitos coautores da pesquisa e seus feitos, configure anelamento seguro entre os pesquisadores e o campo e seus sujeitos. Ressaltando que o escritor é insofismavelmente envolvido com o que narra, literaturizar a ciência, portanto, desmascara o irreal distanciamento entre pesquisador e os planos de sua pesquisa assim como desmascara as fantasias da imparcialidade e da neutralidade. A pesquisa nos/dos/com os cotidianos têm como aspecto de especial valor as narrativas, pois fazem emergir experiências, sentimentos e saberes que nos constituem – pesquisador e coautor, sujeitos e seus coletivos, encontros e alianças - assim como alicerçam as redes de subjetividades que instauram todos os praticantes de qualquer cotidiano perscrutado.

A alteridade, o outro é central ao quinto movimento, "ecce femina" (ALVES, 2008b, p. 46), quando a autora destaca o aspecto existencial daqueles que falam ao pesquisador. Quando a fala das praticantes do cotidiano, a respeito do que fazem e realizaram são inevitável e francamente amalgamadas aos seus sentimentos e afetações, experiências afetivas e dores vividas, aspectos significativos ao entendimento do que é produzido e partilhado cotidianamente e inalcançável, e até invisível, à objetividade comum aos métodos convencionais da pesquisa. Afinal, o interesse maior da pesquisa aqui apresentada é o que são, sentem e fazem as pessoas em suas práticas cotidianas. Sobretudo ao consideramos que o sucesso da pesquisa começa na interrogação íntima do pesquisador e o meio mais seguro de nos alcançarmos é via as percepções dos outros, principalmente na feitura coletiva

da pesquisa, para a qual olhares e demais sentires são continuamente intercambiados e partilhados.

5 **IMAGENSMEMÓRIA**

Memórias são imagens de acontecimentos outrora vividos por alguém e contadas, ou não, a outras pessoas. Ressaltando que o “vivido” permanece reconfigurado em imagens, portanto, resultado de jogo do afeto e do registro poético pessoal. Lembrar é, sob essa perspectiva, inseparável de criar poeticamente: da lembrança à narrativa do lembrado. A partir do momento que termina a experiência, só podemos acessá-la através da memória, como fonte de coisas a serem ativadas por razões diversas, as experiências negativas para evita-las, para superá-las, as positivas para curar e entusiasmar, para goza-las mais vezes e fortalecer o propósito de novas experiências semelhantes.

Há também as memórias que nos são partilhadas e das quais tomamos posse de tal maneira que ela passa a ser também nossa. Pois, uma das funções da partilha de memórias é exatamente manter o patrimônio de determinadas culturas por meio da herança dos mitos, história, ritos, etc. com as próximas gerações. Na cultura de matriz africana, nossa história, nossa cultura, valoriza e precisa, de um exercício de partilha das lembranças. Nossas divindades, os Orixás, só existem, como a maioria dos deuses, se forem lembrados. Contudo, se os templos monumentos e rituais livres contribuem para a manutenção da existência de algumas religiões, notadamente as cristãs. Para o não apagamento da herança religiosa africana no Brasil, foram fundamentais as práticas narrativas, os ritos domésticos e os cuidados familiares. Afinal, a abundância de mitos, rituais, imagens, indumentária e adornos religiosos que encontramos em muitos terreiros e casas de Santo hoje fartamente disseminados e encontrados no Brasil, a despeito das históricas tentativas de aniquilação agravadas nas últimas décadas pela violência neopentecostal, aportaram nas Américas na memória, no afeto, apego e fé dos africanos sequestrados, que aqui chegaram sem direito de a portar nada além do que vestiam.

O patriarca dos deuses, Olorum senhor do céu, e a grande mãe, Olokun senhora dos mares, seriam os únicos orixás que sobrevivem ao esquecimento.

Um dia no começo do tempo dos seres humanos na terra, Oxum, muito insatisfeita com as relações de poder no Orum, tirou toda fertilidade da terra, secou

ventres de mulheres e deusas. O povo em fome e sem filhos começou a deixar de oferendar aos orixás, parando de adora-los. Sabendo que o esquecimento traria fim a suas existências, os irmãos de Oxum trataram de buscar maneiras para se resolver com a grande senhora e evitar o desaparecimento dos deuses.

Outra história conta de uma época em que os homens estavam em conflito, suas vidas e escolhas os afastavam dos rituais. Sem suas oferendas e rituais, orixás não ofereciam suas bençãos, o que gerava nos homens ainda mais desconexão com os eles, levando muitos ao esquecimento. A ameaça era que o abandono dos cultos traria a desgraça para orixás e humanos.

Exu muito preocupado foi saber de Iemanjá o que poderiam fazer. A deusa dos mares mandou Exu ir saber de seu filho Orungã, senhor dos ventos, que ele teria uma solução. Após muito pensar, o orixá mandou que Exu fosse atrás dos cocos das palmeiras e pegasse um para cada um dos dezesseis orixás do reino e saísse no mundo afim de descobrir o significado daquilo. Quantos cocos tivesse, seriam a quantidade de lugares em que teria de procurar: Viaje o mundo, faça o que tu fazes melhor, busca os odus, as histórias, os oráculos de cada um e voltarás com o saber da harmonia entre homens e deuses.

Exu viajou o mundo todo perguntando o significado dos frutos que carregava, coletando histórias e toda sorte de saberes. Um longo tempo havia passado quando Exu voltou com a solução para o esquecimento: todo saber que homens e orixás precisam estão nas histórias de homens e orixás. Deuses e homens precisam se lembrar do que ensinaram uns aos outros desde a criação. Orungã ordenou que ele presenteasse os homens com este oráculo, ao qual chamou Ifá. Em cada um dos dezesseis cocos eles acharão a sorte dos saberes que Exu coletou e puderam melhor viver, e assim, serem gratos e cultuar seus orixás. Foi assim que Exu salvou deuses e homens, pela memória.

Escolhi narrar esses dois odus, a maneira que minha memória recriou, como afirmação da importância da memória e da oralidade para a cultura afro-brasileira, aplicada à pesquisa. Tudo que aqui será escrito, das conversas que tivemos com as professoras, é já literatura de uma memória que me foi compartilhada. Portanto, não há a pretensão de registrar com precisão documental a recuperação dos nossos encontros. Reiterando a poética da lembrança cuja intensidade é proporcional ao grau de afetação causada pelo evento, pessoas ou experiência narrada, assumo,

assim, que me apego ao que elaborei como memória do que foram esses encontros, imagens de imagens partilhadas. Recorro aos registros que dispondo gravados e escritos como fonte de novas imagens, não como documentos que possam atestar alguma veracidade e fidedignidade únicas. Nada que se escreverá a seguir dará conta da potência de cada um desses preciosos encontros, mas creio que a beleza que encontrei nas partilhas com as professoras supera as limitações do texto, como se em seus transbordamentos alcançassem olhos e mentes. Por isso escrevo, imagino e compartilho.

6 **NÓS TEMOS HISTÓRIAS, NO PLURAL**

A rede que me possibilita a realização desta pesquisa, provavelmente, se inicia como um novo fio das vastas conexões de meu orientador, Aldo. Somos fruto de uma percepção afetiva da educação que põe em prática o abraço caloroso, mas expansivo, ao diverso. Só foi possível encontrar com professores, em meio as não tão novas reconfigurações da presença na pandemia, graças aos grupos que se formam em torno dessa figura de amor e generosidade.

Foi assim que pude encontrar Magno, por telefone, para que pudéssemos trocar memórias de nossos caminhos. Essa conversa teve gosto de café fraco com bolo de fubá, me levando até as tardes na cozinha de casa, onde ouvia minhas avós me contar do passado. Era sempre curioso como costumavam contar pequenezas da vida cotidiana com ares de grandes histórias. Lembravam fofocas, namoricos da vizinhança, personagens desconhecidos pra mim e não íntimos de seus passados.

Não que Magno fizesse o mesmo, contava sua trajetória como trabalhador e estudante de arte. O tempo que trabalhava na Casa da Moeda, distante da UERJ, onde cursava História da arte. Mas escapava uma beiradinha de fofoca enquanto falávamos dos professores que tivemos em comum, de como eram os alunos de arte de nossas gerações. Acredito, entretanto, que o que me levou as tardes de café com bolo, foi sua pesquisa sobre ancestralidade. Uma busca pelas origens de sua família. Tarefa árdua quando você é negro.

A documentação de nossa história é fragmento em meio a registros de bens de brancas famílias afortunadas, em igrejas e cartórios, museus e bibliotecas. Embarcar em uma jornada tão difícil é de uma coragem admirável, e requer uma disciplina que se mostrava abundante naquele homem cheio de calma e sapiência. Paciência, inclusive, para minha ignorância como iniciante nessa busca consciente pela herança ancestral afro-ameríndia. Me fala de nações, me recomenda leituras. Me oferta com carinho muito mais do que eu poderia pedir.

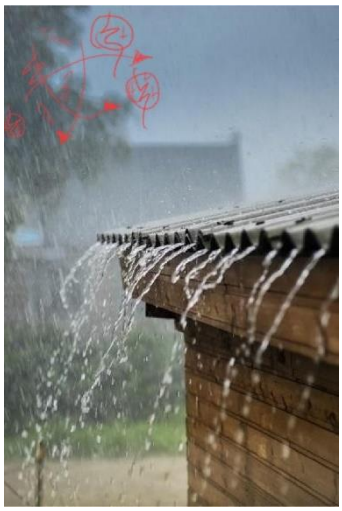
Me transporto para as tardes de café e bolo porque são as únicas fontes conhecidas por mim do passado de meus ancestrais. Com minhas avós, minha mãe e minhas tias, obtive o máximo que havia pra saber das origens dessa família. Não saberia nem por onde iniciar uma procura documental, uma vez que as informações disponíveis são confusas e imprecisas quanto ao nascimento de meus avós e

bisavós. Mas se você chegou até aqui na leitura, é provável que saiba que não desisti de me encontrar com as ancestrais origens de minha família.

Venho imaginando histórias que me foram contadas, venho olhando para as memórias que coletei sobre meus antepassados e recriando conexões preenchidas de desejos e sonhos. Bem, mas porque disparei a falar de minhas escolhas enquanto conto de minha trocação com Magno? A verdade é que escrever sobre esse encontro não é fácil. Me custou encontrar uma imagem que pudesse ser uma devolutiva digna de sua contribuição. Decidi que iria preencher algumas lacunas de minha própria memória, para que pudéssemos repensar a ancestralidade e as nossas maneiras de fazer história. Ir tensionando imagens e memórias para encontrar algumas possibilidades para a escola que imaginamos.

6.1 **Retrato mitopoético de meu avô**

Em dias de chuva, sempre olho pro céu e penso no caminho que a água percorre. Do seio de Oxum, ao céu de luz e chamas, onde bailam Xangô e Iansã enquanto derramam o transbordo de seu intenso gozo



A magia da água que cai

eternamente, a mesma água que jorrou na criação

Nos transformamos como a água em infinitos fluxos de vidas?

Ir e vir

Pensei depois de um tempo que sim. Queria deixar o sim vibrando no ar

Bem menos complicado

Envolvido na complicação do parágrafo anterior eu não sabia mais pra onde levar esse desenho, e isso só pra começar a responder pergunta que eu mesmo inventei de fazer. Resolvi então contar história. Mas não prometo resolver nada até o fim dos meus devaneios. Talvez até complique mais. Simplicidade é coisa de gente calma. Infelizmente sou nervoso, como pororoca, que é mar e rio bravo, visão de doce e salgado que não é o que chamam agridoce – uma vez que agridoce é calmo e harmonioso - com gosto de escuridão e lama pra embolar mais um pouco os sentidos.

Meu avô materno, Seu Manézin, morreu quando os filhos eram ainda novos. Nunca pude ver nenhuma foto, logo desconheço seu rosto. As memórias de minha mãe e seus irmãos são todas da infância, o que retira delas toda precisão, mas da

riqueza de detalhes peculiares e mágicos. Quem mais me conta de meu avô, é Tia Gina, que parece ter herdado seu gênio, sempre me contando orgulhosa das semelhanças que temos – eu também um genioso – com aquele moço enervado. Lutando com muitas dores na barriga, ele faleceu novo do que hoje especulam ter sido um câncer de estômago. Uma triste metáfora de seu banzo, nosso banzo como seus mais novos. Vovô não era de família toda preta, nem mesmo apegada as tradições afro-brasileiras. Mesmo assim encontrou ancestralidade na Folia de Reis, que o aproximou de candomblés e umbandas, mesmo guardando sua fé católica. Comandou sua folia até morrer. A magia que presenteou ao mundo.

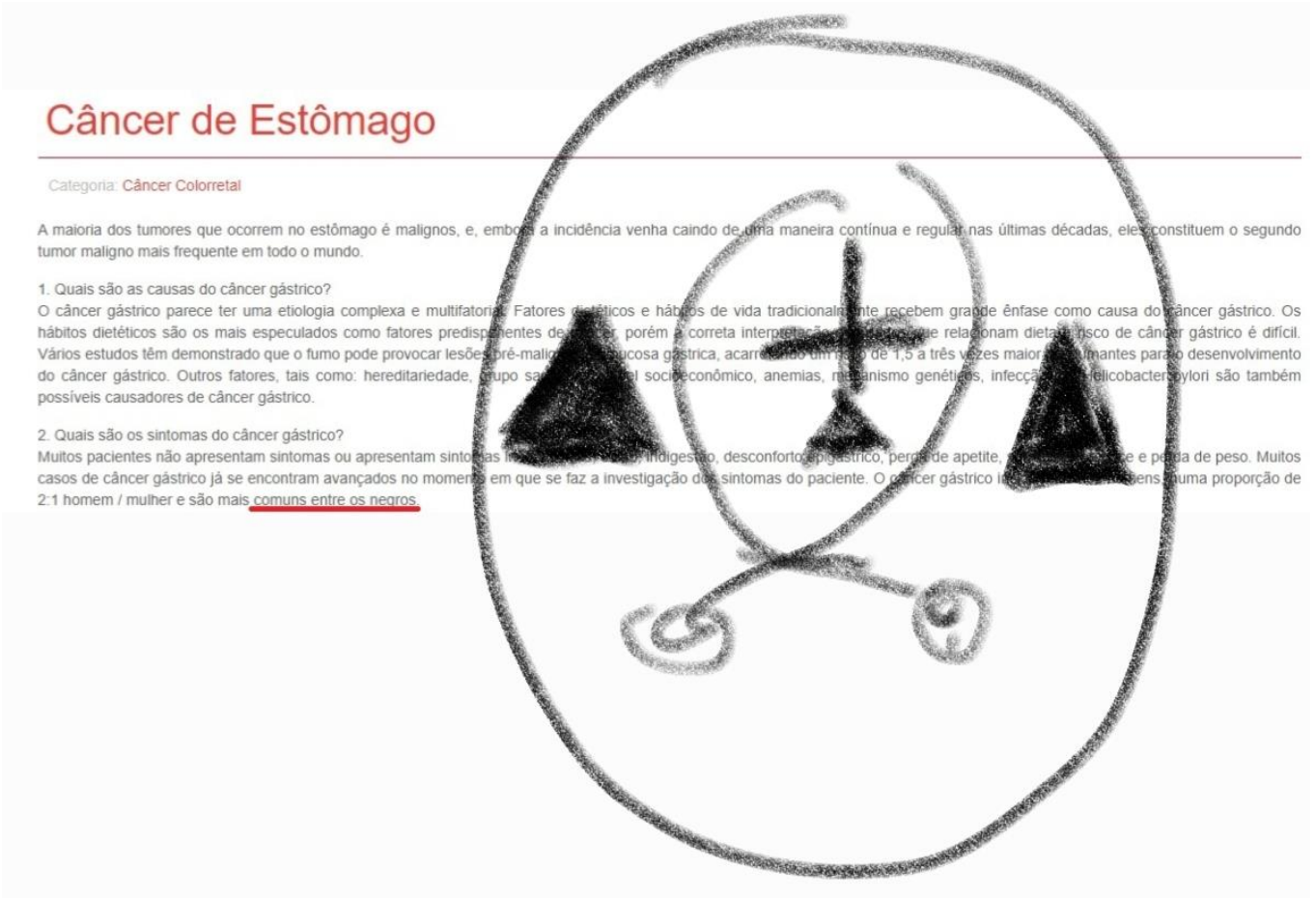
Não conhecer meu avô é algo que identifiquei ao longo do tempo como muito marcante na minha formação. Uma carência dessa figura negra masculina, ultra compensada pela força matriarcal de minha avó, mãe e tias. Uma solução que encontrei foi inventá-lo nas lacunas das narrativas e fatos a que tive acesso.

Uma das primeiras coisas que soube de meu avô, é que ele avia sido um desertor do exército

Manézin insubmisso, com sangue de preto fujão correndo nas veias. A inquietude de quem forja a vida como um ferro em brasa, na dor e no gozo de não ser o que esperam

Faleceu de câncer no estômago

Um banzo ancestral que vinha assolando as gerações de sua família desde nosso sequestro primeiro em África. Manézin concentrou em si a magia de seu povo para encerrar em seu corpo a maior parte desse veneno. Queria ver do Orum os filhos de seu sangue viver com menos banzo no seu peito.



Câncer de Estômago

Categoria: Câncer Colorretal

A maioria dos tumores que ocorrem no estômago é malignos, e, embora a incidência venha caindo de uma maneira contínua e regular nas últimas décadas, eles constituem o segundo tumor maligno mais frequente em todo o mundo.

1. Quais são as causas do câncer gástrico?
O câncer gástrico parece ter uma etiologia complexa e multifatorial. Fatores genéticos e hábitos de vida tradicionalmente recebem grande ênfase como causa do câncer gástrico. Os hábitos dietéticos são os mais especulados como fatores predisponentes de câncer, porém a correta interpretação dos estudos que relacionam dieta e risco de câncer gástrico é difícil. Vários estudos têm demonstrado que o fumo pode provocar lesões pré-malignas na mucosa gástrica, acarretando um risco de 1,5 a três vezes maior. Fumantes para o desenvolvimento do câncer gástrico. Outros fatores, tais como: hereditariedade, grupo sanguíneo, nível socioeconômico, anemias, mecanismo genéticos, infecção pela Helicobacter pylori são também possíveis causadores de câncer gástrico.

2. Quais são os sintomas do câncer gástrico?
Muitos pacientes não apresentam sintomas ou apresentam sintomas inespecíficos como indigestão, desconforto epigástrico, perda de apetite, [illegible] e perda de peso. Muitos casos de câncer gástrico já se encontram avançados no momento em que se faz a investigação dos sintomas do paciente. O câncer gástrico incide mais em homens, numa proporção de 2:1 homem / mulher e são mais comuns entre os negros.

Folia de reis, santos católicos e orixás

Nasceu em Minas, filho de um Rei Congo num reinado do rosário onde vertia

ancestralidade, magia que inventava brasis resistência para os pretos que viviam nas minas de ouro, café e leite.

6.2 **Interseção**

Uma história, enviesada pela busca documental, pautada na reconstrução mais aproximada de acontecimentos factuais, se articula com o rearranjo de nossa ancestralidade através do imaginário. Ambos representam pedaços importantes na recriação de nossa herança. Sem a pesquisa cuidadosa por documentos históricos, publicações acadêmicas e outras fontes diversas, pelas quais Mbembe (2018, pág. 42) desenvolve sua pesquisa pautada na revisão racional e crítica da negritude, faltariam elementos para uma crítica ao imaginário do negro na sociedade moderna e contemporânea. Da mesma maneira, analises racionais que ignoram fontes da ordem imaginária, ou tentam racionaliza-las em suas interpretações apressadas, perdem o que só a poesia, a arte, a música, contém sobre a época de sua produção.

Muito me interessa o passado, mas em seu potencial dinâmico de nos pôr em movimento de criação do agora. Portanto, meu entendimento acerca da imagem que escrevo, vai molhar os pés nas águas de Bachelard (1997, pág. 142), como fonte de inspiração e decisão na escrita: “Seria preciso não apenas pesar os fatos como também determinar o peso dos sonhos. Pois na ordem literária, tudo é sonhado antes de ser visto, ainda que seja a mais simples das descrições.” Acolho sua reflexão como uma recomendação de cuidado na escrita, ser cuidadoso para não cair em dicotomias do real e do irreal. Apreciar a densidade das imagens mais ligadas ao irracional, mas também saber encontrar-se na superfície da razão.

Tal escolha me permite abraçar a imagem literária como minha ferramenta de configuração dos símbolos e memórias que se articulam na criação da pesquisa. O que mais me preocupa enquanto organizador de um texto escrito a diversas mãos, acreditando na contaminação de meu pensamento por suas criações em nossas conversas, é fugir do mero registro e, portanto, desenhar a escrita, sem com isso perder a compreensão de que trato de memórias caras às pessoas que se dispuseram a dialogar sobre elas e compartilha-las. É por esse motivo que me pareceu necessário criar no encontro entre os diferentes (re)fazeres históricos e ancestrais, o meu e o de Magno.

A história que Magno me conta, toca em mim onde falta um pedaço, o que me inquieta intensamente, mas errei na primeira escolha de caminho, o que foi suficiente para que eu me sentisse paralisado numa espécie de impossibilidade de

criar. Foi preciso aceitar a necessidade de recriar o pedaço que faltava juntando cacos de passado e desejos muito vivos no presente. Talvez o que se reencante aqui seja a própria História. A impossibilidade se transformando em força motriz para a imaginação criativa.

Imaginando a escola que quero criar como professor, penso que é no encontro criativo entre presente e passado ancestral que nos tornamos professores. Tanto na desconcertante observação de que as estruturas racistas se reinventam e muitos dos nossos se encontram repetindo histórias familiares de pouca ou nenhuma oportunidade, quanto nas mudanças alcançadas pelo povo preto através da educação. Mas também na certeza de que a educação que desejamos não é a mesma pela quais passamos e que queremos criar uma escola que contemple nossas ancestrais epistemologias em consonância com as batalhas, resistência e realizações da atualidade.

Desvios no caminho nos levam à licenciatura, onde vamos encontrar terreno ainda fértil para acreditarmos e investirmos nossas potências. Na formação docente sempre temos escolhas e o podemos nos aventurar além das águas do conhecimento colonial. E nessa navegação, pude ver pela voz de Magno salas de aulas cheias de vozes, copos em agitação incontrolável, descobrindo-se e ao mundo com a orientação afetuosa de um professor que também descobre e escolhe. Assumimos como professores negros nosso papel na reimaginação da sociedade, por isso, criamos pouco a pouco, muito a muito, *mundosescolas* nos quais nos fortalecemos, individual e coletivamente, como criadores de possíveis.

Professores de artes, meio às considerações postas, lidando com imagens e visualidades, meio as tensões curriculares e suas eleições estéticas, apostamos na coletivização horizontalizada das produções culturais universais buscando estancar o apagamento das estéticas específicas do nosso povo. Ação de aposta no aspecto mais relevante da estética na formação humana, ou seja, “o estar junto” (MAFFESOLI, 2014, p. 224). Estar junto com tudo que é precioso aos estudantes e professores como são as heranças culturais, os valores estéticos, sociais e religiosos que atravessaram séculos e oceanos.

7 **JARDIM DE HISTÓRIAS DE EXU**

No quintal da minha avó havia um lindo jardim. Ali naquelas flores eu ouvi tantas histórias enquanto crescia e sempre que penso em jardins, penso em histórias. Ao lado da roseira ouvi sobre os amores de Marias de muitos nomes. Com Zé Pelintra conheci as folhas mágicas e as flores de tomar banho. Caboclo descia pra sentar detrás da bananeira e fazia chorar a samambaia com seu canto pra Jurema. Mas isso ficou no interior, ficou na infância. Em cidade cinza não tem jardim, não tem flor, não tem as folhas, não tem história. Pensava eu, sem imaginar que surpresas me aguardavam ao longo do caminho.

Andava eu pelas cinzas calçadas da vida, querendo achar história pra ouvir e pra contar, quando vi uma flor andando. É isso mesmo, a moça tinha raiz e tronco, folha e flores, e se mexia pela cidade fazendo sombra no sol escaldante, deixando boniteza pelo caminho que ficava cheio de pétalas e folhas. Não pude resistir a curiosidade e mudei meu rumo atrás daquela flormulher. Mas o tempo da cidade é curto, logo tive que ir correndo desatar algum nó de outros caminhos.

Passei dias pensando naquela mágica existência, mas já havia perdido a esperança em reencontrá-la. Fiquei sabendo de um grupo para pessoas carentes de história no mundo sem jardim, tinha um nome estranho, uma dessas siglas de grupo de ajuda, C&CHA (Catadores e Contadores de História Anônimos), mas fui ao encontro mesmo assim. Encontrei alguns velhos conhecidos viciados em histórias, com quem trocava flores sempre que possível. Conversávamos amenidades quando vejo a flor entrar na sala. Tenho certeza que todos se impressionaram com sua figura, ostentando flores e frutos, uma riqueza abundante. Mesmo assim, o grupo manteve sua compostura, afinal ninguém queria deixa-la desconfortável, tratando logo de enturmá-la.

A flor chegou acanhada, mas não precisou de muito estimulo pra que histórias voassem com flores de sua boca. Habilmente contava pequenas narrativas que nos faziam viajar por mundos, tanto conhecimento, tanta poesia. Onde teria aprendido tudo aquilo? Pedia que contássemos também nossas histórias, e a cada uma que contávamos, uma semente crescia em seus cabelos floridos. Me contou que vivia morro acima, onde ficava também o seu jardim. Ao fim do encontro, combinamos de

conversarmos mais em breve, e partimos pela rua, mas dessa vez sem ligar para o cinza da cidade.

Passamos a conversar todos os dias e fomos criando um laço de amizade. Nos afetamos de diferentes maneiras, nos abrimos um para o outro. Um dia ela me convidou pra conhecer seu jardim. Fiquei muito animado, veria de onde vem tanta história, tanta flor. Subi o morro na direção que ela havia indicado, procurando achar um vasto jardim florido. Ia chegando cada vez mais perto e o cinza não terminava. Cheguei até um prédio, olhei novamente para ver se era o lugar certo, mas não tinha errado. Pensei comigo que talvez ela consiga cultivar flores ali dentro, como um jardim de inverno.

Com a pulga atrás da orelha, fui recebido por ela na entrada do que era uma escola de gente pequena, uma criançada se organizava pra entrar nas salas com as professoras enquanto ela me guiava até o jardim. Fiquei feliz lembrando de minha infância no jardim, era bonito que as crianças tivessem um jardim ali na escola. Entramos numa sala de aula normal, cheia de crianças, mas essa sala tinha algo diferente.

Havia pela sala muitas flores saindo da parede, de diferentes cores, diferentes formatos. Ela pediu que me sentasse e começou sua aula com aqueles pequenos. Já de cara as crianças contavam um montão de causo dos seus dias. As histórias iam escalando e a florfessora ia inventando temas de histórias pra eles criarem. Eles contavam com a fala, com os gestos, com desenhos, enquanto ela escrevia as histórias num lindo livro preto. Quando terminou a atividade, eu vi que a florfessora era pura flor e sementes, algumas flores iam para as cabeças das crianças, outras se espalhavam pela sala. As sementes ela botava dentro do livro e fechava. Depois de uns dias, nasceriam pelas paredes da sala, rompendo com delicadeza o concreto.

Perguntei se ela estava guardando-as pra plantar depois em seu jardim. Ela me responde rindo que já estávamos no seu jardim. As crianças eram suas flores, fonte de infinitas flores, histórias e conhecimentos. Ela me mostrou o livro onde registrava as histórias das crianças, junto de seus desenhos e fotos. Estava escrito na capa *O jardim de histórias de Exu*. Não precisei pedir para que ela começasse a me contar essa história.

Florfessora era uma menina muito criativa, ela adorava ler e criar histórias. Um dia ela brincava de inventação no quintal de casa, quando Exu passou ventando pela rua e a viu. Ele via o mundo que ela criava em sua imaginação e queria dar a ela um pouco desse mundo. Ele foi até ela como o sopro do vento, a tocou na face e disse que queria fazer um trato. Ela teria que ajuda-lo a terminar seu trabalho de coletar as histórias do mundo, em troca ele lhe plantaria uma flor no peito, que germinaria com suas histórias e as histórias que ela cultivasse pelo mundo. A menina sem pensar muito aceitou. Desse dia em diante brotou flor de suas fábulas, e ela sentia que sua imaginação ganhava vida. Cresceu criando mundos até que não era mais criança. E quando a infância passa as pessoas não querem que a gente crie mundo. Desde então flor não brotou por longo tempo. Mundo não foi criado. Mas os erês, muito amigos de Exu viram aquela flor sem brotar e resolveram mudar isso. Um dia florsemflor andava pelo morro quando um pé de erê a fez tropeçar. Desequilibrada pelo tropeço ela cambaleou até cair no meio de uma roda de crianças. Eles riram e lembraram das quedas que tiveram brincando, acabaram embarcando num fio de histórias de tombos e machucados sem fim. A flor estava tão tonteada pelo tropeço do erê que não se deu conta que flores brotavam dela novamente, pra alegria da criançada. Quando entendeu que estava rodeada de crianças narrando suas vidas, criando seus mundos, ela quis voltar a criar mundos também. E se cercou da força criativa da infância, onde brotam as flores de saber de todo o mundo e que nos ensina o que esquecemos quando se acinzenta a nossa vida.

E foi assim que eu conheci florfessora, que me lembrou como era rico o jardim de Exu. As histórias e os mundos que a gente cria e compartilha são a razão de ser dessa escola que ela criou, escola que se verteu em jardim de memória de criança. Memória que enriquece nosso presente e abre as portas dos muitos futuros que estamos criando.

JARDIM DE HISTÓ
RIAS DE
EXU

8 **PROFESSORA-MONSTRO**

O professor que eu sou vai ter um pouco da criança viada que eu fui na infância. Justiça seja feita, essa boiolinha faz parte da minha construção e dispara reflexões e desejos de fazer diferente. Fazer diferente pra outros corpos aberrantes que embelezam a escola. Eu disse no começo da dissertação que as desmunhecadas e os rebolados do nosso corpo são estranhos ao comportamento colonizado que aprendemos na escola. A expressão do meu corpo foi repreendida, até que eu aprendesse a me conter para me encaixar. Encaixado, recalquei o que pude. Mas a gente sabe que sobra sempre um pedaço pro lado de fora. E essa sobra se verte em táticas de desencaixe, formando o sujeito na fricção com o corpo sistematizado.

Maffesoli recorre à imagem do *cheiro da matilha* como metáfora para as relações de exclusão e inserção no meio acadêmico. A metáfora também poderia descrever a dinâmica de assujeitamento que nos é necessária para acessar as instituições coloniais desde a escola. A colonialidade desses processos se prova na estratégia eurocristã com as quais operam institucionalmente. Eu confesso que

tentei rolar nessa carniça e esterco até pegar o cheiro necessário para estar adequado. Carniça que é metáfora perfeita ao estado em que se encontra a intelligentsia de muitos doutos, privilegiando e priorizando o que se deteriorou como teoria, proposta e verdade como se fosse alimento epistemológico fresco. Aponto objetivamente, determinados bloqueios e empecilhos que as estratégias de manutenção de poder criam face as ameaças sugeridas pelos modos de pensar a agir decorrentes da atual conjuntura cultural e, portanto, política. Nada surpreendente, quando o jogo de interesses amalgama o desejo por benesses pessoais com a indolência intelectual e se soma ao conforto das velhas certezas.

Sem o odor familiar, ou a custosa senha de passagem, batemos constantemente contra a parede em busca de uma formatação inalcançável para nós, os outros, uma vez que tal formatação foi engendrada para conter apenas os seus idealizadores em toda sua branquitude – projeto que na prática não se concretiza, uma vez que nos mantemos resistindo e ressignificando os espaços de produção e outorga dos saberes. Entretanto, a experiência evidencia que é importante bater com a cara no muro para saber que estamos no caminho errado. Alguns, como eu, precisam de algumas topadas a mais até reencontrar aquela sobra que vai ser fagulha pro incêndio que precisa vir. Renascemos no fogo, na água, na terra, somos elemento vivo.

Do fogo renasço imperfeito: bicha preta, bicha gorda, bicha errada. Mas renasço feliz com o meu corpo, renasço amando a minha pele e toda minha volumosa massa corpórea. Mas pra renascer forte, já que a caminhada apenas se inicia, preciso de mãos amigas. O corpo coletivo eivado de afetos e solidariedade em muitos e importantes momentos é parte e todo do corpo individual em processo de autocriação e afirmação. Como todas as pessoas, preciso dos afetos que vão me erguer e fortalecer, enquanto também ergo e fortaleço. Ao desfrutar do apoio do outro, do coletivo, também fortaleço as redes de resistência, subjetividades e afetos que ora me apoiam. Apreciar o que vê no espelho, mas apreciar especialmente a expressão do que pulsa em seu corpo, apreciar suas ideias e suas redes de saberes.

E nesse caminho vem sendo referência e parceria a amiga e companheira de aventura acadêmica, Pamela, uma sapatão *monstruosa*[9], professora, *afropindoramica*, que me tocou desde o nosso primeiro encontro. Algumas sensibilidades são capazes de atravessar barreiras que se achavam intransponíveis, mexendo lá no fundo do que precisava ser chamado pra fora. Pamela sabe chegar devagarinho e produzir cuidado e ensinamento.

Conheci Pâmela como professora numa visita que ela fazia com sua turma em um museu onde trabalhava como educador. Pude acompanha-los naquele dia e conhecer uma turma incrível e muito diversa, e uma relação de diálogo e compartilhamento entre professora e alunos. Aprendi tanto naquele dia que resolvi parar de adiar minha mudança para a licenciatura. Talvez ela nem saiba o tanto que aquele encontro mudou minha percepção sobre nossa profissão docente, me ajudando a fazer essa escolha. Hoje posso chama-la de parceira de pesquisa, e como sempre, não parou de me abrir mundos a cada troca.

Nossos encontros virtuais durante a pesquisa vieram ampliar seu papel como colaboradora em minha formação docente, que é parte da própria pesquisa. Ao passo que pensamos juntos, escrevemos juntos e pudemos estabelecer uma relação de cocriação além do momento pontual de um encontro. O que quero escrever nessas páginas é um pouco do que já vimos criando juntos ao longo dessa jornada, mas talvez descobrir novos sabores, novos olhares, e outras possíveis reflexões.

Quando conversamos sobre nossas jornadas até a docência, Pâmela me fala de suas lembranças da escola, um espaço onde era feliz com seus amigos e suas bagunças, mas que também estabeleceu marcadores de suas diferenças. O corpo desviante é lembrado constantemente de sua inadequação, e a escola nos marca

[9] Em sua dissertação de mestrado, Choque de Monstros: corpo, identidade e visualidade na escola, Pamela Souza (2017, p. 24-25) se baseia no conceito de monstros de José Gil, com o qual tece relações conceituais para refletir sobre as produções visuais e epistemológicas que surgem nos encontros entre monstros no cotidiano escolar: “Monstro é um nome, uma palavra, oportunamente transgressiva, contaminada pelo hálito do enunciador. É eivado da sensorialidade do que enuncia e atira no ar o seu som a palavra de carne evoca o corpo do denominado [...] Carne verbo sai de um corpo e constrói o outro, como um Deus diante de um outro corpo como o seu. O que pronuncia, acrescenta ao corpo denominado, mostrado pelo verbo, mais camadas de existência. Entre os deuses e os monstros, nesses momentos, a correlação entre sinal e sinalizado se dilui, pois quem aponta, aponta pra si próprio, incarnado que está pelo corpo do qual sequer sabia há instantes o nome. Assim se dilui o plano estável de localização do mesmo e do outro. A trama das palavras e significados se reconfigura no encontro amalgamador dos irmanados pela beleza e monstruosidade. Aqui compõem coletivos monstros, que ao cabo e ao rabo de nossa pesquisa são tão monstruosos e tão belos quanto os deuses. Só que inequivocamente incarnados.”

sempre que saímos da linha do estatuto de controle hegemônico que determina o que é lícito ou aceito em termos de gênero, aparência, racialidade, condições sociais etc. assim como determina as consequências de tais condições oferecendo privilégios e punições. Já na Universidade, quando achamos que as coisas seriam diferentes, A protagonista desse relato aprende que a arte que produz não tem valor. Pois não se identifica ou aproxima dos valores priorizados pelo gosto e pelas avaliações de grande parte dos professores. Contudo, o empenho e experiência em lidar com adversidades a fez encontrar linhas de fuga, abrigos epistêmicos, acolhimento e identificação com outros praticantes do cotidiano acadêmico, estudantes e professores, cujos valores também divergiam do pensamento e práticas aparentemente dominantes. Tais encontros, exemplificando a potência das redes de afetos e saberes iriam enriquecer sua formação e apoiar sua trajetória até ao final desse ciclo. A professora, e hoje doutoranda em Educação, Pâmela, como todos os sujeitos, aporta a rede de experiências decorrentes de sua trajetória, experiências assimiladas pela reflexão e pela pele. As diferenças que constituem a sua singularidade são exploradas como ferramentas de trabalho, possibilidades de articulações, sem, obviamente considerar-se um exemplo ou referência especial, têm a consciência necessária dos riscos e conquistas que certas condições e condicionantes marcam a trajetória escolar. Desafiando os embargos e valendo-se das oportunidades, em seu percurso docente, e investigativo, realiza uma pedagogia na qual as convencionadas inadequações e ou o mal comportamento do alunado se tornam matéria preciosa nos processos de ensino e aprendizagem, quando são discutidas, questionadas, e ressignificada via, sobretudo, a escuta de seus interlocutores. Modo de trabalho que parece partir de interrogações cruciais como o que quer dizem aos professores, ao mundo adulto, à instituição escolar, as falas embaralhadas, os gritos, os mil ruídos do mobiliário arrastado, material que cai ao chão, se perde, é disputado ... o que ensina à professora os preconceitos manifestados em frases ingênuas e violentas? Explorando tudo que geralmente o mundo adulto prefere anular, aplainar e ou impedir, a professora sem pretender afirmar modos únicos ou exemplares de realizar sua função, refaz cotidianamente, como tantas professoras em tantas escolas periferizadas, taboa por taboa do seu barco sem sair do mar. Consequentemente, sua pesquisa se debruça nas outridades, o outro, meio a diversidade de escolas que coabitam cada escola que se

encontram e criam tensões entre suas tessituras específicas, são escolas coexistindo em fluxo contínuo de criação e recriação, as escolas dos alunos, as escolas dos adultos, as da lei e as da poesia:

> A escola, como conceito generalista, é facilmente associada a denominações como disciplina, obediência, ordenação, comportamento, progresso, autocontrole, hierarquia etc., termos quase opostos e muitas vezes antagônicos a instinto, intuição, improviso, paixão. Ou seja, aspectos crepusculares ou noturnos que contrastam com o sentido iluminista da educação formal generalizada, que, sob entendimento reducionista, priorizaria a mente em detrimento do corpo. Razão versus instintos, humores, paixão e desejo, uma impossível oposição de parte do corpo com o seu todo. Reconhecendo que a escola universal não existe, afirmamos a impossibilidade de reduzir a singularidade dos inumeráveis espaços e tempos escolares a uma única ideia de escola. Entretanto, o peso do termo emblemático, "a escola", assombra e cerceia a licitude da atualização de muitas das práticas escolares e contamina a formação das futuras gerações de professores [...] Contudo, sob a sombra de uma escola impossível, germinam e florescem outras escolas marginais à oficial, que fortalece a mente e disciplina o corpo. Habitando o mesmo espaço e tempo da escola oficialmente legitimada, ações dão-se na incondicionalidade da rebeldia do cotidiano (OLIVEIRA, 2003), evidenciando que currículo é o que aporta ao, viabiliza o, produz e efetiva algum e todo o conhecimento, inclusive o de si, seja por meio de alguma teatralizada ou ritualizada operação da razão ou na surpresa desconcertante do escândalo da insurgência do corpo desvencilhado de uniformes e uniformizações. O currículo realiza-se e se produz na segurança da disciplinarização do mundo e no asselvajamento catártico do corpo, na subversão da linguagem ou na precisão técnica do discurso, porém, nunca em apenas uma só das aparentes polaridades. (VICTORIO, NASCIMENTO, 2017, p. 545)

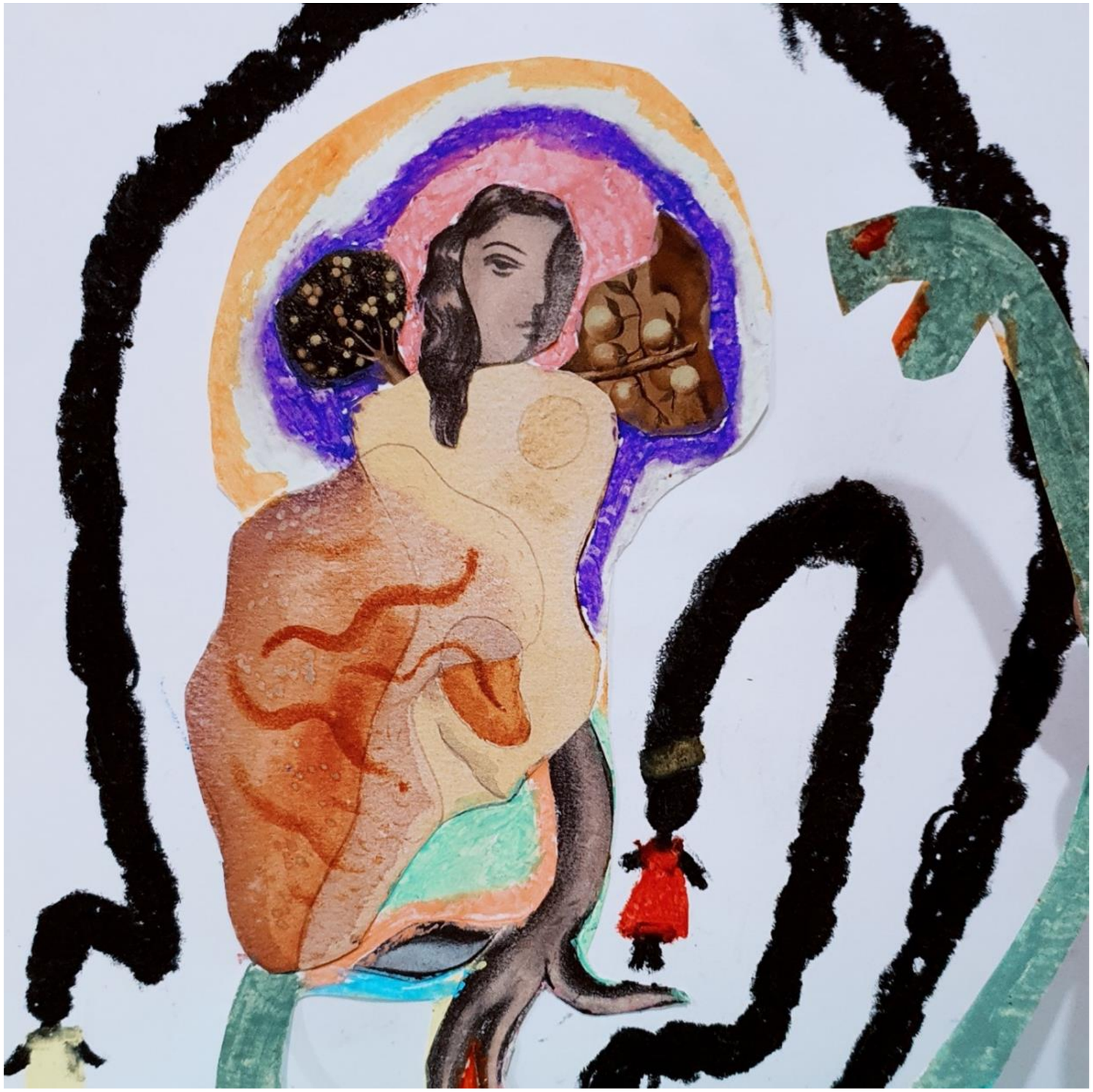
Tais relatos devem ser considerados que como corpos desviantes, somo expostos a situações de precariedade onde precisamos estabelecer as condições de nossa existência. Não está dado para pessoas como nós a segurança de existir e agir ativamente nos espaços públicos, e as vezes, nem mesmo nos privados. Seria de se imaginar que a profissão docente não comportaria nosso tipo de gente, e de fato exclui uma grandiosa parcela de acordo com o grau de distância da norma, o que agrava a incompletude nas escolas. Esse inacabado processo se desdobra para alunos e professores, fazendo da docência uma tarefa acima de quaisquer prescrições. Evidentemente que as prescrições, a despeito da rebeldia dos cotidianos e dos corpos que os praticam (CERTEAU, 1994), existem e circulam combativas. Contudo, face aos cotidianos escolares vividos e investigados, percebo que as regras, os interditos, o prescrito se perde nas tramas cotidianas. Superando a asfixia das prescrições, escolas são criadas em meio aos escombros da Escola da Falta:

> As escolas são historicamente espaços que se caracterizam pelo olhar para a falta nos sujeitos. Falta de conhecimento; Falta de educação; Falta de "bom" comportamento; Falta de postura; Falta de família; Falta de decência; Falta de inteligência; Falta de disciplina; Falta de vergonha na cara; Falta de respeito; Falta de amor; Ao apontarmos os monstros tentamos ocultar a própria ausência de competência para lidar com a sua exuberância e presença e o que eles anunciam: A falência da escola. Falência irrecuperável da escola da Falta! Da escola que aponta o déficit, a lacuna, a falta sempre atribuídas ao outro monstruoso. O estudante. E sob a eloquência da acusação, da denúncia da falta de tudo, oculta os seus próprios fracassos, dentre os quais a incapacidade de se reconhecer meio a complexidade de razões que levam aos problemas que aponta. Contudo, entre as faltas todas, a exuberância dos endividados realiza outra escola meio a escola acusatória. Inventam e vivem nela, uma escola quase assentada sobre a indiferença às desqualificações e cresce incapturável na troca entre os menines-monstros. Os que, a despeito de sentirem os efeitos de tantas acusações, se reconhecem irmanados em certa subversiva alegria, ao menos na hora do recreio ou quando na escola da falta, um professor falta. (SILVA, 2019, p. 48)

Paralelamente à falta, Pamela trabalha para criar as condições, sempre fluidas, de sua existência inseparável dos coletivos que atravessa e convive. Por conseguinte, inventa, reconstrói e realiza a sempre negociável efetivação do vínculo que é inerente à vivência escolar. Nesse negociamento é que se dá a ética cotidiana das escolas, aberta às possibilidades de novidade e aos desejos. A ética, inegociável defesa da vida humana, do que se ensina-aprende precisa garantir o bem-estar de todos os corpos que socializam naquele espaço, por mais distintos que sejam. A permanente proposta é manter o acordo sustentável entre os sujeitos, uma vez que a ética se realiza no campo das práticas. Esse acordo é amarrado com cordas frágeis, nós frouxos, pois precisa ser atualizado sempre que um novo dia começa.

Nossa ética é inevitavelmente uma práxis, talvez por isso a escreve em linhas tão tortas, pois a fazemos em movimento. Com Pâmela, na efetivação ética, inventamos uma estética monstra, que não é nada mais que uma bricolagem de saberes que partilhamos entre nós, com os nossos, o que aprendemos na escola, nas encruzilhadas da cidade. Alguns autores dão substância a essa reflexão sobre ética: Arendt (2010), quando afirma a condição plural da vida humana na terra, o que torna a escolha de com quem conviver, ou não, impossível; Buttler, que cotejando o pensamento de Arendt, acredita que tal escolha acarretaria em práticas genocidas, e aponta a necessidade de "honrar as obrigações de preservar a vida daqueles que podemos não amar, daqueles que podemos nunca amar, que não conhecemos e

não escolhemos". Em igual importância, se encontram os saberes afropindoramicos e sua abertura as diferenças, conforme já tratamos anteriormente. Irmanamos diferentes fontes, pois atravessam nossa história e nossas pesquisas, para aprender-criarmos no encontro de nossas monstruosidades. A monstruosidade afirmada também está posta no inevitável choque com o outro que nos aparta, exclui e até extermina. A ética assume então contornos complexos e põe em jogo desafios surpreendentes. Os relatos de Pâmela a respeito de suas experiências nas escolas, como professora e investigadora, como praticante de seus cotidianos e intelectual em formação avançada, expõem alguns dos desafios aludidos. Nada se resolve com escolhas simples e confortáveis considerações reducionistas. Na complexidade cotidiana enredada pela diferença, a escolha de um lado nunca é possível. Se consideramos que p território deve ser o da ética. E nessa unidade entre excludentes e excluídos entre opressão e resistência, a monstruosidade se configura, na medida em que as imagens neutras e neutralizantes desaparecem e exibe-se então a dureza do conflito. Dureza, maciez, amargor e delícia ao mesmo tempo, confundindo as categorias, os maniqueísmos, os moralismos e demais modos convencionais de classificar, analisar, julgar e condenar pessoas e atos às condições permanentes.



9 **REAPRENDER A ARTISTAGEM**

Mariana Maia é uma professora-artista que atua na rede pública municipal do Rio de Janeiro. Conheci seu trabalho nas redes sociais, onde circulam suas criações com os alunos na sala de aula, assim como seus objetos e performances artísticas. Fiquei encantado com sua dedicação e generosidade na criação de aulas que possibilitam experimentar e criar arte nos cotidianos escolares.

Quando conversamos, Mariana me conta da sua trajetória até a docência, não almejada, mas necessária para garantir as condições materiais de viver e produzir artisticamente. Estando professora, encontra na escola um espaço cheio de pulsão de desejo criativo, que a sensibilidade da artista percebe e abraça na formação da professora. Sua metodologia de trabalho considera a sala de aula um ateliê aonde cria, estimula e acompanha os seus alunos em muitos processos de produção poética, não separa a atuação da professora da artista, as faz convergir evidenciando, nas produções e ações realizadas, que os resultados de seu trabalho são proveitosos para ambas condições.

Registro fotográfico da performance Coroação de Mariana Maia

Fonte: Website da artista Mariana Maia[10]

[10] Disponível em: http://maiamariana.com.br/2020/07/20/coroacao/. Acesso em: jan. 2022.

Durante a s conversas com Mariana, seguindo a proposta investigativa aplicada em minha pesquisa, a dos diálogo sobre as histórias e perspectivas de alguns professores irmanados por determinados interesses e valores pedagógicos no campo das artes e da cultura visual, soube das suas origens e seus interesses voltados para a as artes negras e a ancestralidade, especialmente relacionadas à representação da mulher negra, imagem recorrente em sua produção performática, e na presença em corpo e memória da imagem de sua mãe. Não posso deixar de pensar em como sua obra se relaciona ao movimento do tempo na cosmologia de origem africana. Quando bebe da fonte do passado, ela assume uma percepção não linear do tempo, que coloca as memórias em movimento dinâmico pelos corpos dos que as partilham, nunca estanque e imutável. Com a arte, Mariana inventa sua parte na trama do tempo, transformando o ancestral para criar o presente que habita. Leda Maria Martins define essa relação temporal própria da cosmologia de origem africana como tempo espiralar:

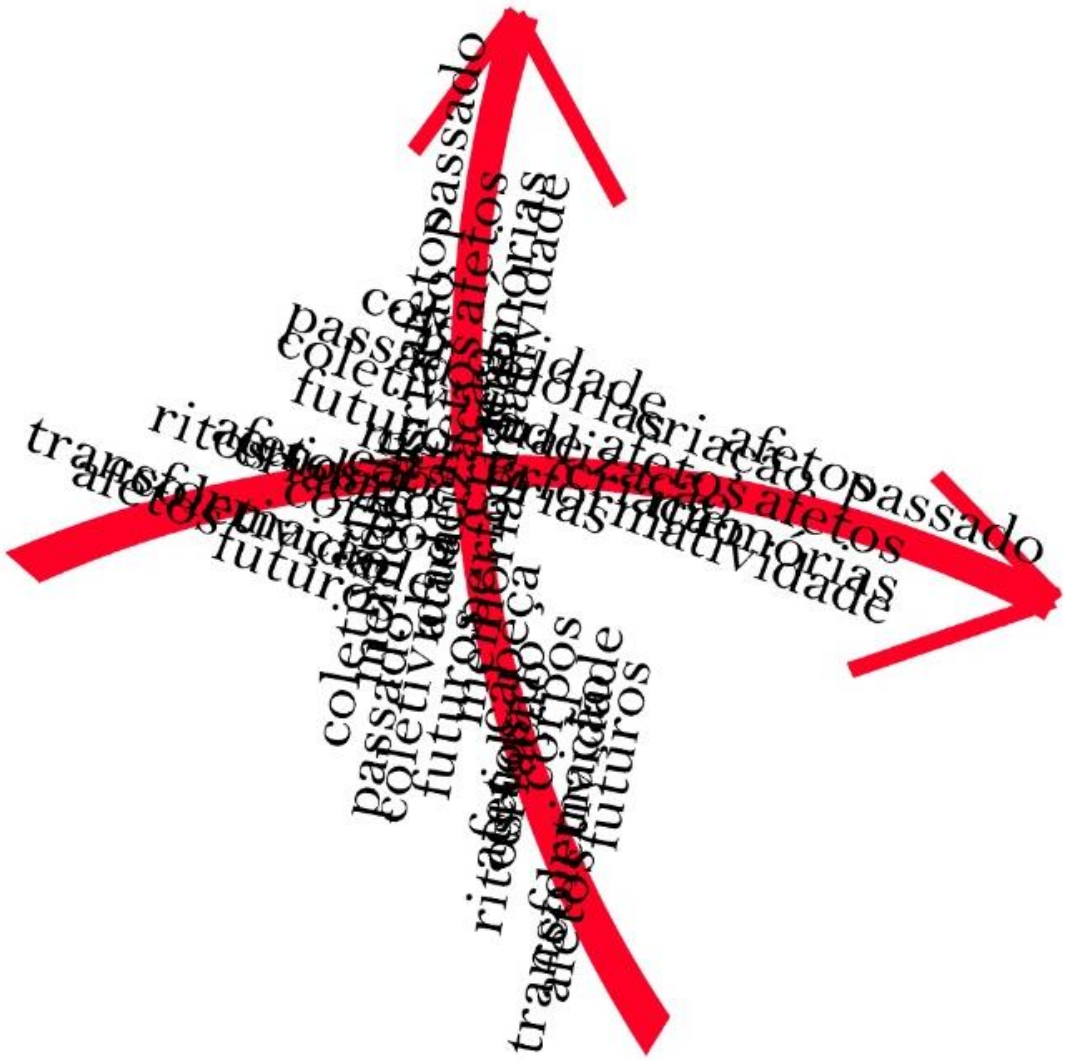
> [...]o tempo espiralar é uma percepção cósmica e filosófica que entrelaça, no mesmo circuito de significância, a ancestralidade e a morte. Nela o passado habita o presente e o futuro, o que faz com que os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estejam em processo de uma perene transformação e, concomitantemente, co-relacionados. (MARTINS, 2000, p. 79)

Gravação do filme Coroação

Fonte: Website da artista Mariana Maia[11]

[11] Disponível em: http://maiamariana.com.br/2020/07/20/coroacao/. Acesso em: jan. 2022.

Nos caminhos de sua produção, a escola atua como uma “encruzilhada de possibilidades”[12], lócus de transformação, posto que é a representação da dinâmica de Exu. Na encruza se esbarram, se tocam e se experimentam múltiplas visões de mundo, e infinitas pulsões de desejo. Quando a professora-artista se vale desse lugar, transbordam criações coletivas que vão configurar a sua obra, que nasce, em



parte, dessa convergência. A escola encruzilhada muito me inspira para pensar atualizações da prática docente, acrescentando camadas, nada passivas, à reflexão do cotidiano. Tomei a liberdade de imaginar a escola encruzilhada no exercício de escrever nosso texto:

[12] MAIA, 2020

A história de Mariana, se confunde com sua obra, que não se dissassocia da professora que ela é. Tal relação me faz pensar que em em seu cotidiano, a professora-artista, vai inventando vidas, que sendo vividas e criadas em conjunto, de mãos dadas com os seus e com aqueles que forma e a formam em igual medida, é expandida e partilhada. A arte que reencontro com Mariana Maia, não se limita as obras, apesar de serem parte do conjunto, nem as institucionalidades e sistemas de validação e valorização. A professora aprende criando e, enquanto cria, aprende-ensina com seus alunos a se autocriarem como sujeitos sensíveis e produtores de suas próprias experiências estéticas, de suas próprias relações com a arte-vida. Rosa Dias (2011, p. 110) nos diz que "*Embelezar a vida é sair da posição de criatura comtemplativa e adquirir os hábitos e os atributos de criador: ser artista de sua própria existência*", e ela o faz mergulhada nas reflexões de Nietzsche que afirma a primazia da vida e suas experiências sobre a obra de arte:

> [...] o que se chama propriamente obra de arte, a das obras de arte, não é mais do que um apêndice: um homem que sente em si um execedente de tais forças embelezadoras, ocultadoras e reinterpretantes procurará, enfim, desafogar esse excedente em obras de arte; assim também fará, em circunstâncias especiais, todo um povo. Mas agora iniciamos a arte geralmente pelo final, agarramo-nos à sua cauda e pensamos que a arte das obras de arte é o verdadeiro, que a partir dela a vida deve ser melhorada e transformada – tolos que somos!" (NIETZSCHE apud DIAS, 2011, p. 110)

Demarcamos a arte de que falamos, produção de sensibilidades, criação poética material ou imaterial, com desejo de ampliar, e não limitar o recorte ou distanciarmo-nos da obra de arte. Afinal, estamos numa reflexão que parte dos relatos de uma professora-artista, que produz obras de arte e se insere nos circuitos de exposição. O que não limita sua produção, quando confluem as poéticas que jorram dos varios contextos de sua vida. Enfrentar a superficial aridez dos territórios, irrigá-los com a poética e saberes ancestrais da mulher e via as batalhas, dissabores e desfrutes cotidianos, fecundá-los e assim obter e oferecer a fartura de sua obra. A volta que Mariana dá na negação colonialista, é saber usar seus meios de produção e outorga, para afirmar-se e a sua matrilinhagem como criadoras de poéticas. O que performa aprendeu com sua mãe, e quando as duas performam juntas, o fazem também com as mulheres que vieram antes delas e as ensinaram o rito ali imaginado.

As maneiras de imaginar e artistar a vida fazem parte da formação humana e são indissociáveis da tomada de consciência do sujeito, ser sensível, que afeta e é afetado na relação com outros sujeitos e o mundo. Dessa maneira, a professora-artista, que investida as técnicas, as táticas e as referências nas diferentes possibilidades de criação artística, proporciona aos alunos condições de irem se descobrindo como inventores de imagens, como criadores de poéticas diversas. Quando Mariana Maia apresenta obras de artistas, buscando sempre ampliar os limites desse arcabouço, e propõe aos seus alunos criarem suas próprias obras, cada um vai mimeticamente descobir como melhor realizar a proposta, aplicar a técnica e utilizar o material em pauta. E decidem o que lhes serve ou não, na confecção de suas criações:

> Segundo a concepção de Benjamin, a criança experimenta o mundo mimeticamente. Como os antigos magos do passado, ela constrói semelhanças entre si e o mundo exterior; a criança "lê" o mundo e nesse processo "cria" correspondências. Transforma-se assim em um "moinho de vento", estende os braços, deixa-os rodar e, ao fazer isso, com a sua boca, produz o vento necessários para movimentar as pás. É assim que a criança amplia o raio de sua experiência: compreende de que modo o vento coloca em movimento o moinho; experimenta o poder do vento e o poder da exploração da natureza pelo homem; sofre o fascínio de produtividade humana. No ato mimético de transformar-se em um moinho de vento a criança experimenta – ao menos no jogo – sua possibilidade de excercer o poder sobre a natureza. Na medida em que a criança com o seu corpo "torna-se" um moinho de vento, ela familiariza-se com uma primeira forma rudimentar da máquina e com o caráter de máquina de seu próprio corpo, do corpo humano. Ao mesmo tempo, experimenta eu corpo como instrumento de representaçãoe expressão; Não apenas a criança ganha a possibilidade de representação e expressão, mas também experimenta a possibilidade de empregar seu corpo para fins específicos e para receber, desse modo, um reconhecimento social. (WULF, 2013, p. 79)

O que Wulf explica sobre a experiência mimética pela perspectiva de Benjamin, se aplica aos vários tipos de experiência que a arte proporciona ao corpo dos alunos, de maneiras que ele decidirá como e quando fazer uso das ferramentas que de uma maneira ou de outra está a desenvolver. No contexto com o qual falamos, escolas públicas populares, nas quais a maioria dos alunos são pretos, multiplicar as possibilidades de experiências e de criação de futuros, significa romper com as imposições colonialistas que buscam limitar a vida do preto em formação. As estatíscas socio-econômicas mostram os resultados sempre crescentes das trágicas vividas peloa população preta e agravada na sua juventude. Para a qual, alcançar a vida adulta é uma vitória da sobrevivência embora não em relação à emancipação

econômica, ao racismo, e demais violências ativas desde a fundação da colônia brasileira. Mesmo que efetivamente não concretizada, pois o cotidiano e toda sua rebeldia irá nos mostrar que esses jovens abrem frestas nos muros e conseguem ultrapassar os interditos e condenações. Muitos recursos positivos a tais resistências advém do empenho de professoras como Mariana e dos demais colaboradoras dessa pesquisa nas suas convivências diárias com seus jovens alunos nas escolas populares. E essa constatação leva a acreditar e a produzir a esperança de que como professores-artistas podemos aderir ao que fortalece as artimanhas de desvio, estimular poéticas e táticas que favoreçam a superação dos bloqueios sociais, econômicos e políticos impostos às novas gerações que muito precocemente os enfrentam, trataria, portanto, da exploração e adensamento das vidas-artes mais prenhe de belezas para todos dentro-fora das escolas.

Colagem

Fonte: MAIA, Mariana. 2020

Registro fotográfico da performance Mãe do Entardecer de Mariana Maia

Fonte: Website da artista Mariana Maia[13]

[13] Disponível em: http://maiamariana.com.br/2020/07/19/mae-do-entardecer/. Acesso em: jan. 2022

10 **PROFESSORA OGUM XOROQUÊ**

Na mitologia iorubana, Ogum teria sido o primeiro orixá a habitar o mundo sensível, mundo físico dos homens, pois é aquele que abre os caminhos e prepara a morada. Nas batalhas, comanda as comitivas e cria as estratégias, e ensina o preparo das armas. No cotidiano, nos oferece as ferramentas para lidarmos com os desafios. Contam que o reino de Elejigbo, governado por Oxaguiã, prosperava e crescia em população. Quanto mais cresciam, mais comida precisavam, a ponto de seu cultivo não ser mais suficiente para alimentar todo o povo, fazendo com que a fome se abatesse sobre o reino e os filhos de Oxalá. Oxaguiã procurou Exu para encontrar uma solução, após longa meditação, este o levou até Ogum dizendo que ele poderia ajudar. Oxaguiã não sabia como poderia ser visto que Ogum não tinha domínio sobre a terra, as plantas ou a fertilidade, mas não quis contrariar a sabedoria de Exu. Na casa do ferreiro dos orixás, explicaram-lhe o problema que o reino de Elejigbo enfrentava e suplicaram por seu auxílio. Ogum os ouviu e se dirigiu para a forja, onde trabalhou por um longo tempo retornando com ferramentas para acelerar o plantio, o preparo da terra e a colheita de alimentos. Os orixás se dirigiram ao reino, onde Ogum ensinou ao povo o uso das ferramentas. Em pouco tempo Elejigbo produzia mais alimentos, acabando com a fome. Desde desse dia, Ogum foi cultuado naquele reino, como o salvador do reino.

A terra muda com o tempo, as populações crescem, os desafios e as necessidades vão se acumulando e novas ferramentas são necessárias. Vendo que em todos os reinos dos homens era preciso sempre criar novas formas de arar a terra, novas armas de caça, e de guerra, novos adornos e esculturas de ferro para cultuar Exu, Ogum decide ensinar os homens a forjar e a desenhar suas ferramentas no metal quente, criando o que fosse preciso para melhor viverem naquele mundo. Ele pegou seu conhecimento e sua inspiração infinita e soprou no vento que seguia os movimentos de Exu, com a certeza que alcançariam os homens.

Recrio essa história, pois quero falar de como aprendi com Marê, professora das redes municipais do Rio e Caxias, uma docência afetiva em que a professora partilha com os alunos sua criação de ferramentas, sua criação de táticas cotidianas de enfretamento, e os estimula a encontrar suas maneiras de desafiar os

impedimentos da vida. Falamos de escolas na zona oeste, no bairro de Santa Cruz, onde vivem professora e alunos, região periferizada da cidade onde vivem majoritariamente trabalhadores que enfrentam condições precárias de emprego no capitalismo contemporâneo. Espera-se muito pouco do preto, e do pobre em geral, nas periferias da cidade. As oportunidades são de fato poucas, o que poderia gerar um sentimento geral de estagnação, causado pelas barreiras que impedem ascensão social e econômica. É comum que as exceções busquem fugir desses bairros, em que “nada muda” e “nada acontece”.

Mas, o que é comum, não é regra, e pessoas como Marê e muitos de seus companheiros de luta, mobilizam-se localmente criando redes de solidariedade e fortalecimento. Quando conheci Marê, encontrei uma moradora orgulhosa de Santa Cruz, com um forte senso de coletividade e uma vontade de criar uma comunidade local mais engajada. É com esse sentimento, de quem está entre os seus, que a professora entra em sala de aula. Seu espaço de articulação maior, onde os afetos são intensos e as colaborações grandiosas. Era perceptível, pela forma como os alunos a buscavam para falar dos acontecimentos do bairro, das festas, dos problemas, das soluções, que ela se importava e genuinamente vivia aquela realidade.

Em suas aulas, Marê buscava criar ambientes de diálogo e compreensão das questões, acatar reivindicações e ampliar as fronteiras de seus mundos. As ferramentas que possuía, partilhava com seus alunos, mas nunca limitando-os ao uso delas. A professora sabia que o melhor seria ensinar-lhes a buscar as ferramentas mais adequadas a seus desafios, e criar as que não existissem. Isso se aplicava as demandas, reivindicações, mas também aos sonhos e aos desejos, que precisavam ser imaginados e construídos no percurso de autoformação de cada sujeito.

CHOQUE?
SÓ DE
DIGNIDADE!

Como pesquisadora das visualidades, os munia do que sabia sobre o turbilhão de imagens aos quais eram expostos diariamente, estimulando-os a pensar criticamente, refletir a imagem e saber usá-las ao seu favor. São diferentes táticas que vão sendo partilhadas e criadas, como maneira de fortalecer sua comunidade pela sua ação docente.

Insisto nas ferramentas, pois a metáfora que emerge com o mito de Ogum, é sobre instrumentalizar, mas também ensinar a criar os próprios meios e ferramentas, com a autonomia e disciplina necessária a forja do metal. A professora que Marê me inspira a ser é um pouco Ogum - que para além do guerreiro, é um orixá muito afeiçoado pela humanidade e suas relações sociais, partilhando afetos e saberes com sua comunidade. Saberes que vai aprendendo e criando com eles em sua jornada, o que a faz também um pouco Exu, catadora de imagens, histórias e traquinagens. Talvez, tomando certa liberdade mitológica, um Ogum Xoroquê, que anda pelas estradas de Exu com a força guerreira de Ogum, mas ao invés do facão de batalha, Marê carrega as imagens e a sabedoria de Exu.

Nos falamos durante a pandemia, e quando perguntei como estavam suas aulas naquele contexto, Marê me contou de como seus alunos precisavam trabalhar, pois parentes tinham perdido emprego durante a pandemia. De como estava sendo o trabalho que realiza com seu coletivo, Piracema, para coletar e distribuir mantimentos, máscaras e álcool para as pessoas mais afetadas pela quarentena, e como alunos, ex-alunos e suas famílias faziam parte desse grupo vulnerabilizado. Em um momento em que a rede municipal do Rio começa a estimular as aulas remotas, não lhe parecia adequado passar conteúdos como se seus alunos estivessem vivendo seus cotidianos normalmente.

Muitos estavam sem acesso à internet, muitos não tinham tempo, ou estavam incumbidos de outras prioridades relacionadas as suas subsistências e de suas famílias. Assim sendo, aproveitava toda possibilidade de contato para dialogar com seus alunos e trocar sobre seus desafios na pandemia, afinal, estavam vivendo cotidianos aproximados mesmo que com diferentes limitações e necessidades. Mesmo que não fosse possível ajudar em todas as demandas materialmente, era importante se fazer presente, manter a escola aberta. Até mesmo para que se repassassem a direção e aos órgãos competentes as dificuldades dos alunos.

Eu poderia ver a relação de Marê com seu bairro e seus alunos, e pensar que sua docência tem as características que levantei anteriormente porque faz parte daquela comunidade desde seu nascimento. Mas isso só reforçaria fronteiras que não queremos perpetuar, acreditando numa comunidade de solidariedade cada vez mais ampla. Por essa razão, tomo essa aprendizagem como possibilidade de criar minha docência em qualquer lugar onde eu venha trabalhar, pensando nas condições que nos faz comunidade e nas éticas-estéticas de fazê-lo, criar redes de partilha e fortalecimento por onde quer que eu passe.

NUMBERS
1. one
2. two
3. three
15. fifteen
16. sixteen
17. seventeen
18. eighteen
AVES
Animais Vertebrados
PEIXES
RÉPTEIS
FRESH

“SOU COMO A HASTE FINA, QUE QUALQUER BRISA VERGA, MAS NENHUMA ESPADA CORTA”

Grada Kilomba (2019, p. 28) afirma no início de seu livro “Memórias da Plantação” que a produção da pesquisa e a escrita daquela obra fazia parte da ação de “tornar-se *sujeito*[14]” em referência ao pensamento de bell hooks, que reconhece a negação da condição de sujeito às pessoas negras na sociedade e a necessidade de um movimento de autocriação de suas humanidades como resistência e luta. Ao passo que acreditam na escrita e na produção artística como formas de se afirmarem como indivíduos e como grupo diante das sistemáticas tentativas de esvaziamento de suas identidades e destruição de suas histórias.

> A ideia de que se tem de escrever, quase como uma obrigação moral, incorpora a crença de que a história pode “ser interrompida, apropriada e transformada através da prática artística e literária” (hooks, 1990, p. 152). Escrever este livro foi, de fato, uma forma de transformar, pois aqui eu não sou a “Outra”, mas sim eu própria. Não sou o objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de tornar-se e enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou. (KILOMBA, 2019, p. 28)

Acredito e escrevo pautado na necessidade de me recriar no exercício reflexivo e criativo da pesquisa. O que afirmo é minha posição como acadêmico negro que pensa e cria negociando com o que é academicamente esperado, e a imaginação criativa, que me possibilita contar histórias. Se o faço, é porque tenho suporte daqueles que vem a muito escrevendo pesquisas que valorizem o sensível, o imaginário e o afeto. Porém, é inegável que existe uma grande quantidade de acadêmicos que ainda se negam a aceitar o valor dos saberes menos aproximados da razão, em especial os de origens diversas ao europeu.

Escrever imagens, histórias, é minha maneira de viver a possibilidade que tenho como mestrando, de me voltar para minha ancestralidade, como fonte, me

[14] Falamos sobre como toda luta libertadora iniciada por grupos de pessoas que têm sido vistos como objetos começa com um processo revolucionário no qual afirmam que são sujeitos. É esse processo que Paulo Freire enfatiza: “não podem comparecer à luta como quase ‘coisas’, para depois ser homens”. Pessoas oprimidas resistem identificando-se como sujeitos, definindo sua realidade, configurando sua nova identidade, nomeando sua história, contando sua história. (hooks, 2019, p. 85)

aventurando em uma pesquisa que é criada enquanto aprendo com professorxs, suas memórias, imagens e visualidades. Aprendo enquanto me repenso e reinvento, como sujeito engajado com a educação. Criamos, então, uma colagem que não é só minha. É o encontro do passado a nossa frente, como lente para ver o presente, presente onde afirmamos nossa existência, e criamos futuros.

As histórias que escrevo são apenas uma parte do que aprendi-criei com meus cocriadores, são permeadas pelas reflexões que me instigam, e bordadas com as belezas que me ofertam. Uma experiência de criação onde posso desenhar as faltas, pensar conceitos e imaginar com nossas imagens memória, afim de oferecer ao leitor histórias, imagens e reflexões sobre a formação docente, o cotidiano escolar e as ancestralidades, alinhadas aos saberes de autores que apostam na pluralidade de ideias e na diversidade de epistemologias, como as feministas negras, que tanto inspiram o trabalho.

Nunca ando só, carrego meus orixás e as entidades que me guiam pelo caminho, mas também ando na estrada com meus ancestrais, e carrego a herança do que me ensinaram. Logo, quando escrevo, reforço a inquebrável raiz que me permite conhecer a cultura preta, tão aviltada pelo genocídio de nossas matrizes culturais. Por isso escolhi professoras que escreviam alimentando nossa árvore, e sua vasta sabedoria. Carregamos a responsabilidade de honrar nossos pioneiros, mas também contamos com a sua força pra enfrentar os vendavais. São eles que fazem nosso corpo forte com o galho da goiabeira, que aos olhos mais leigos parece frágil ao movimento do vento, por envergar a qualquer toque, mas que ao sofrer pressão de força se dobra o suficiente para não quebrar, e levantar mais forte e altivo.

As redes de afeto, saberes e demais experiências que configuraram essa pesquisa, lhe dando suporte e desenhando a sua Rosa dos Ventos, se deveu ao encontro, como já afirmado, de histórias de professoras, histórias de escolas, estudantes e interessados na participação das artes e da cultura visual aliadas às histórias das ancestralidades africanas na formação escolar. A pesquisa, graças a essas redes, nos evidenciou a prioridade dos currículos dos afetos que emergem ne se consolidam nas práticas cotidianas desde os primeiros passos da trajetória da humanidade. Práticas que os africanos escravizados no Brasil, mesmo que despossuídos dos mínimos pertences materiais, fizeram aportar ao presente no

volumoso, complexo e profundo imaginário que nos irmana nas religiões, nas artes e demais saberes deles herdados. São essas mesmas práticas de cuidado e poesia que identificamos nas escolas e buscamos explicitar via os encontros com as suas professoras de Artes que em suas diferentes ações e particularidades de trabalho e experiências diversas nos permitem apostar que a atualização da educação escolar e da formação docente compatíveis com os desafios de hoje serão significativamente favorecidas se consideradas as histórias de reencantamento, de aprendercriar com professorxs.

Raízes

Fonte: Banco de Imagens do Wikipedia[15]

[15] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Raiz#/media/Ficheiro:Roots_by_cesarpb.jpg. Acesso em: jan. 2022.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. *Trajetórias e redes na formação de professores.* Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

ALVES, Nilda (org.). *Criar currículo no cotidiano.* 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In:* ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008a.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *In:* ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes.* 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008b.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos:* ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BUTTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COSTA, Joase Bernardino, TORRES, Nelson Maldonado; GROSFOGUEL, Ramón. (org.) *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p.42.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir:* a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *Erguer a voz:* pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KINCAID, JAMAICA. *A autobiografia da minha mãe*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação. *Revista Páginas de Filosofia*, v.6, n.2, p.51-64, 2014.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. *Revista de Educação*, *Ciência e Tecnologia*, Canos, v. 3, n. 1, 2014.

MAIA, MARIANA. *Entrevista Mariana Maia*. 2020. Disponível em: http://maiamariana.com.br/texto/entrevista_mariana_maia2020.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

MAFFESOLI, Michel. *Homo Eroticus:* comunhões emocionais. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória:* o Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. *In:* FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). *Brasil afro-brasileiro.* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2019.

OLIVEIRA, E.. *Cosmovisão africana no Brasil:* elementos para uma filosofia afrodescendente. 3. ed. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Currículos praticados:* entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

RIOS, F. M.; LIMA, Márcia; GONZALEZ, Lélia (org.). *Por um feminismo afro-latino-americano*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos:* modos significações. Brasília: AYÔ, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice:* o social e o político na pós-modernidade. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

VICTORIO FILHO, Aldo; NASCIMENTO, Rodrigo Torres. Práticas da imagem e produção de vidas: insurgências curriculares visuais, estéticas e culturais nas redes. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 2, n. 6, p. 535-548, set./dez. 2017

WALKER, Alice. *Em busca dos jardins de nossas mães*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

WULF, Christoph. *Homo Pictor:* imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo: Hedra, 2013.